

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VANESSA BRAZ DE QUEIROZ

**PROJEÇÃO INTERNACIONAL E REGIONAL NO CONTEXTO DOS
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**

Uma análise entre Brasil e Rússia

UBERLÂNDIA

2017

VANESSA BRAZ DE QUEIROZ

**PROJEÇÃO INTERNACIONAL E REGIONAL NO CONTEXTO DOS
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS**

Uma análise entre Brasil e Rússia

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Bacharelado em Relações Internacionais, sob orientação de Sandra Aparecida Cardozo.

UBERLÂNDIA

2017

RESUMO

Este trabalho faz uma análise de Brasil e Rússia no contexto dos Megaeventos Esportivos. No âmbito das Relações Internacionais, dificilmente o esporte é colocado como uma possibilidade de ascensão internacional e realização de interesses diplomáticos. Contudo, os megaeventos esportivos têm mudado essa percepção, uma vez que eles têm sido muito utilizados pelos países como instrumento de política externa, mais especificamente através do *soft power*. Eles buscam esses eventos visando maior protagonismo no cenário mundial por alguns dias, de forma a apresentar sua cultura, seu país, seu poder, seu povo ou sua identidade. Se por um lado o Brasil busca se tornar mais assertivo na região, e quem sabe futuramente obter uma posição de maior prestígio no cenário internacional, a Rússia busca a restauração da Rússia como superpotência mundial. É muito difícil que o evento instantaneamente coloque o país já atuando no cenário internacional, mas sem dúvidas serve para melhorar a imagem do país frente ao mundo e colocá-lo na rota das principais potências.

Palavras chave: megaeventos esportivos; Brasil; Rússia; projeção internacional e regional.

ABSTRACT

This work makes an analysis of Brazil and Russia in the context of the Sports Mega-events. When it comes to the International Relations' area, sport is rarely put as a possibility of international rise and the achievement of diplomatic interests. However, the sports mega-events has changed this kind of perception, since it have been used a lot for the countries as an instrument of foreign policy, more specifically of soft power. They seek these events aiming for greater prominence on the world stage for a few days in order to present their culture, their country, their power, their people or their identity. If, on the one hand, Brazil seeks to become more assertive in the region, and who may eventually obtain a more prestigious position on the international stage, Russia seeks the restoration of Russia as a world superpower. It is very difficult for the event to instantly put the country on the international stage, but without a doubt it serves to improve the image of the country in front of the world and put it on the route of the main powers.

Keywords: sports mega-events; Brazil; Russia; international and regional projection.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à Deus, por me dar força todos os dias para superar as dificuldades que apareceram durante a concretização do curso.

À minha família por sempre torcer por mim e acreditar na minha capacidade e potencial, especialmente à minha mãe Sandra, que é para onde eu corro quando preciso de calma e tranquilidade, foi quem sempre me apoiou, quem desde pequena me ensinou a amar o esporte e a me dedicar em tudo para que as melhores oportunidades possam aparecer no meu caminho. Tudo que eu faço é por vocês.

Gostaria de agradecer também ao meu irmão, Guilherme, pelas várias conversas sobre esporte e sobre futebol. Muito do que eu sei eu aprendi com você e acho que foi um dos motivos pelos quais nos tornamos tão amigos nos últimos anos. Lembre-se: ainda assistiremos uma Copa do Mundo e uma Champions League juntos!

Aos meus amigos Caíque e Jessica, que mesmo à distância tiveram grande participação na construção deste trabalho através do companheirismo e amizade que sempre me proporcionaram. Conversar com vocês sempre me faz bem, obrigada por me trazerem calma e tranquilidade nas adversidades, coisa que sozinha eu não conseguiria.

Aos meus colegas e amigos da faculdade Carol, Ari, Victor, Karina e Uiara, pelo apoio e troca de ajudas, por terem tido paciência para me aguentar durante esses dias e pelo companheirismo durante todos esses anos. Aprendi muito com vocês. Daqui para frente encontraremos ainda mais desafios à nossa frente, porém acredito muito na capacidade de superação de todos vocês.

À minha orientadora Sandra por quem tenho muita admiração, que sempre fez um trabalho excelente tanto como professora, orientadora como coordenadora do curso de Relações Internacionais. Obrigada por ter aceitado me orientar em um tema que eu gosto muito, pelas diversas conversas sobre quais seriam as melhores formas de abordar o assunto e por ter me ajudado a criar este trabalho.

Por último agradeço à UFU por tudo que me proporcionou, tudo foi muito melhor do que eu esperava quando sonhava estudar aqui.

Enfim, à todos que participaram desta jornada, mesmo indiretamente, o meu muito obrigada!

LISTA DE ABREVIATURAS

ABIN - Agência Brasileira de Inteligência

AP - *Associated Press*

APO - Autoridade Pública Olímpica

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CEI - Comunidade dos Estados Independentes

COB - Comitê Olímpico Brasileiro

COI - Comitê Olímpico Internacional

CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol

CSTO - Organização do Tratado de Segurança Coletiva

EFTA - Associação Europeia de Livre Comércio

EUA - Estados Unidos

FIFA - Federação Internacional de Futebol Associação

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

MPF - Ministério Público Federal

PT - Partido dos Trabalhadores

OMS - Organização Mundial da Saúde

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU - Organização das Nações Unidas

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

UE - União Europeia

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Países favoráveis às atitudes russas

27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Indicadores dos Países da Eurásia	15
Tabela 2 - Congresso Ordinário da FIFA para a Copa do Mundo de 2018	24
Tabela 3 – Indicadores dos Países da América do Sul	32
Tabela 4 - Previsão de Aplicação de Recursos Copa do Mundo de 2014	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. POLÍTICA EXTERNA RUSSA E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....	11
1.1 Rússia como Potência Regional	13
1.2 Megaeventos Esportivos na Rússia.....	17
1.2.1 Processo de Candidatura Jogos de Inverno de 2014.....	18
1.2.1.1 Preparação para os Jogos e problemas enfrentados	20
1.2.2 Processo de Candidatura da Copa do Mundo de 2018	23
1.2.2.1 Preparação para a Copa e problemas enfrentados	25
1.3 Impacto Internacional.....	26
2. POLÍTICA EXTERNA NO BRASIL E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....	28
2.1. Brasil como potência Regional	31
2.2. Megaeventos Esportivos no Brasil.....	35
2.2.1. Processo de Candidatura da Copa do Mundo de 2014	35
2.2.1.1. Preparação para a Copa e problemas enfrentados	36
2.2.2. Processo de Candidatura das Olimpíadas de 2016	40
2.2.2.1. Preparação para os Jogos e problemas enfrentados	43
2.3. Impacto Internacional.....	46
3. BRASIL E RÚSSIA: UMA ANÁLISE	49
4. CONCLUSÃO.....	52
5. REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Embora o esporte não seja um assunto muito discutido no âmbito das Relações Internacionais, é possível observar diversos casos históricos em que o mesmo foi utilizado para demonstração de poder e até mesmo como arma de guerra. Levando em consideração que esse trabalho se propõe analisar especificamente os casos da Rússia e o Brasil sediando megaeventos esportivos, é muito importante observar o contexto histórico em que isso ocorreu e a forma como os Jogos afetam as relações diplomáticas entre os países.

Houve um tempo em que instituições internacionais como a FIFA e o Comitê Olímpico tinham que implorar para que os países tivessem o interesse de receber grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. No entanto, isso tem mudado atualmente, já que os formuladores de Política Externa começaram a perceber a importância que sediar um evento como esse pode ter. Afinal, é um instrumento para melhorar a imagem do país, a credibilidade, a competitividade e a habilidade de atuar no palco internacional (GRIX; LEE, 2013).

Dessa forma, é assim que os Estados buscam usar sua influência global, se expressar politicamente no cenário internacional, principalmente através do *soft power* (VASCONCELLOS, 2011, p.7). O *soft power*¹ é definido por Nye como “habilidade dos estados de comunicar universalmente valores compartilhados para agradar os outros estados”, ou seja, é um mecanismo para aumentar a atuação em assuntos globais através de políticas de atração ao invés do uso da força. É a habilidade de moldar as preferências de outros e alinhar com as suas próprias (PORTELA, 2014).

Apesar de os eventos esportivos não serem um método tradicional de política externa, acabam figurando como um *soft power*, já que permite que os países sejam o centro do mundo por alguns dias, o que dá oportunidade para um maior protagonismo no cenário mundial. Esta forma de poder tem sido utilizada atualmente principalmente pelos chamados países emergentes, que são países em desenvolvimento que planejam se tornar cada vez mais relevantes no cenário internacional. O Brasil e a Rússia fazem parte desta categoria e junto à eles estão China, Índia e a África do Sul, que formam o bloco econômico conhecido por BRICS.

Quando se trata desse debate, países como Brasil e Rússia têm se destacado. Isso porque ambos passaram por esse processo recentemente, onde o Brasil foi sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 e a Rússia foi a anfitriã dos Jogos de Inverno de 2014 e será

¹ Este termo é utilizado por Nye para falar sobre os Estados Unidos e foi contemplado em seu livro ‘O Paradoxo do poder americano’, mas o conceito e a definição utilizada servem para a proposta do texto aplicado para o Brasil e Rússia.

novamente com a Copa do Mundo de 2018. Os dois países buscaram consolidar suas posições como potências regionais, além do desejo de ter maior protagonismo no cenário internacional, e viram a oportunidade de realizar isso através dos megaeventos esportivos.

Dentro da discussão será possível estudar dois países que apesar de terem objetivos bastante parecidos quando decidiram entrar na corrida para sediar grandes eventos esportivos, são dois países bastante diferentes. Enquanto a Rússia já foi uma grande potência global até a dissolução da URSS, o Brasil continua no seu status de país em desenvolvimento e como uma possível potência regional. A Rússia é um país que tem em sua política o constante uso do *hard power*, ou seja, usava a coerção e a força para conseguir alcançar seus interesses. Já o Brasil está apenas começando a fazer um maior uso do *soft power* como ferramenta para atingir seus interesses.

Desse modo, são dois países emergentes tentando se tornar países mais relevantes no cenário internacional, com vista a contribuírem e participarem mais das questões globais. É a forma que encontraram para que o mundo conhecesse mais as culturas, costumes, idiomas e peculiaridades dos seus países, trazendo mais reconhecimento e tendo uma maior aproximação com o mundo.

Assim sendo, o trabalho será dividido em três capítulos, onde o primeiro capítulo será dedicado no estudo da Rússia, levando em consideração seus objetivos políticos, econômicos e internacionais para com os megaeventos esportivos, além de analisar a preparação para o evento, o processo de candidatura e as consequências disso para sua imagem internacional e regional; o segundo capítulo se refere aos mesmos pontos pesquisados sobre a Rússia, porém será direcionado ao Brasil; o terceiro capítulo será destinado à uma análise comparativa entre Brasil e Rússia, e por fim terá a Conclusão.

1. POLÍTICA EXTERNA RUSSA E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

O século XXI deu início a uma era bastante diferente da anterior, onde o Sistema Internacional via um mundo globalizado, multipolar e dominado por regimes internacionais. Foi um momento em que os países em desenvolvimento utilizaram para construir novos alinhamentos, fazer novos parceiros comerciais e buscar financiamento capaz de custear suas ambições. O mundo se tornou então bem mais complexo, já que abriu a possibilidade para que os países pudessem resistir às pressões políticas dos Estados Unidos (PAUTASSO, 2017).

Depois da Guerra Fria e a dissolução da URSS, a Rússia perdeu muito do poder que tinha como potência global e passou por um enfraquecimento sem precedentes. O país teve que se reerguer e se reconstruir em um momento que os EUA se tornavam uma potência cada vez mais importante. Sendo assim, no início dos anos 2000, a Rússia teve que estabelecer alguns objetivos para que pudesse voltar ao jogo internacional (PAUTASSO, 2017).

Quando Vladimir Putin se tornou presidente em 2000, tinha como objetivos restaurar ou preservar a influência das suas fronteiras, recuperar o status de potência perdido, prevenir conflitos no entorno regional, alcançar uma posição firme e de prestígio na comunidade mundial, isto é, tinha o desejo de recuperar o poder e o orgulho da nação a partir de uma postura mais assertiva no âmbito externo (PAUTASSO, 2017).

O posicionamento de política externa da Rússia tem sido anti-ocidental desde os anos 2000. Putin não somente centralizou o poder estatal, como buscou trazer de volta alguns valores soviéticos. O que a Rússia se tornou então foi uma potência revisionista que busca alianças na Europa que sejam nacionalistas e autoritaristas. Além disso, o presidente foi responsável por fazer com que o crescimento econômico retomasse, assim como a estabilidade que há muito havia sido perdida (ORENSTEIN, 2015).

Dentro do Sistema Internacional, Putin buscava vantagens que permitissem que a Rússia se tornasse mais competitiva, ou seja, atuava de acordo com as oportunidades que apareciam de forma a implementar um aspecto multivetorial na Rússia, onde ele não define se irá dialogar mais com o oriente, o ocidente, ou se vai simplesmente seguir os pressupostos nacionalistas, deixando sua agenda internacional totalmente aberta. Esse aspecto de política externa já começou a ser utilizada no governo de Boris Yeltsin, onde foram denominados os seguintes vetores: a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) como uma das prioridades, bem como diálogo com o ocidente e o oriente (FREIRE, 2014).

Por mais que a Rússia tenha tentado estabelecer um bom relacionamento com os países ocidentais, principalmente no que se refere a parcerias com os EUA e a União Europeia (UE), as coisas não funcionaram como se esperava, pois os interesses russos com os outros países não se convergiam e muitas vezes eram até mesmo desfavoráveis para a Rússia (FREIRE, 2014).

Já a prioridade para a CEI tem uma grande importância na política externa russa, pois é uma comunidade que une os países da antiga URSS através de políticas integração, cooperação, acordos comerciais. É a chamada 'Exterior Próximo', área que a Rússia tem realmente uma atuação muito influente, apesar que cada Estado é independente e possui sua autonomia. É junto com esses países que Putin têm planos de formar a União Econômica Eurasiana que seria um bloco com as mesmas proposições da União Europeia (QUADROS; MACHADO, 2015).

Esse foi um passo importante para a Rússia, visto que Yeltsin não tinha feito nada para se aproximar dos países do antigo espaço soviético, dando prioridade para maiores aproximações com o ocidente. Ele não levou em consideração o fato de que aqueles são os vizinhos e que poderia exercer uma influência ali de forma a beneficiar toda a região (QUADROS; MACHADO, 2015).

Para tentar criar uma imagem mais positiva do país, Putin viu a necessidade de se adotar o *soft power*, instrumento este que vem sendo muito utilizado pelos países mais desenvolvidos como uma complementaridade da política externa. O interesse russo pelo *soft power* começou a aparecer durante o segundo mandato de Vladimir Putin, em 2004-2008, quando Moscou buscava consolidar seu poder. Desde 2013, os líderes russos declararam que vários instrumentos de *soft power* seriam adotados na política externa, o que se cumpriu a partir dos megaeventos esportivos (QUADROS; MACHADO, 2015).

Apesar disso, não se pode negar que a Rússia, que já foi considerada uma superpotência até o fim da Guerra Fria, já utilizou muitas vezes do *hard power*, como nos casos da Geórgia em 2008 e a Ucrânia em 2014-2015. Sendo assim, pode-se observar uma certa contradição quando se tratam dos métodos utilizados pela Rússia, já que ora usa a coerção, ora se apropria da diplomacia e política de atração (KARABESHKIN; SERGUNIN, 2015, p. 347).

A Rússia sediou os Jogos Olímpicos de Inverno em 2014 e tinha como influência o uso do *soft power*, que se tornou uma questão muito importante na Política Externa russa. O *Kremlin*, expressão utilizada para se referir principalmente ao governo russo, objetivava restaurar a imagem do país frente ao mundo principalmente por causa da própria herança da Guerra Fria e passou a utilizar dos megaeventos esportivos para que o mundo passasse a ter

maior aproximação ao país. Isso se reflete na disposição da Rússia em sediar eventos esportivos, já que depois dos Jogos ainda ocorreu o Campeonato Mundial de Hóquei no Gelo, em 2016 e ocorrerá a Copa do mundo em 2018 (MERTIN, 2012).

A verdade é que a Rússia de hoje é bem diferente daquela que foi a URSS. O país já não tem o mesmo território que tinha antes, nem o poder militar, não tem uma ideologia com milhões de adeptos, nem um sistema econômico muito poderoso. Apesar disso, a Rússia de hoje é considerada tanto como uma potência regional como também uma grande potência, pois por mais que se encaixe no conceito de potência regional², ela exerce uma função que vai além do que uma simples potência regional representa, mas ainda assim não é uma grande potência³ legítima, como Estados Unidos ou China. (ALVES, 2012; ORENSTEIN, 2015).

Enfim, os anos 2000 serviram como um grande progresso para um país que estava passando por uma grave crise econômica e instabilidade, Putin realmente direcionou seus esforços para não só reestruturar a Rússia domesticamente, como também colocá-la de volta ao palco internacional.

1.1 Rússia como potência Regional

O conceito de potência regional se refere a um país que se destaca e lidera uma determinada região. Desse ponto de vista, é uma definição muito ampla, mas ao falar de forma mais detalhista, algumas das características que envolvem uma potência regional são: liderança e coordenação da região, recursos materiais (militares, econômicos e demográficos) e capacidade de influenciar os outros no âmbito político; interdependência política e cultural na região; influência nas coalizões regionais; liderança reconhecida pelos vizinhos; no cenário internacional apresenta não só os interesses nacionais como também regionais, ou seja, mostra grande interesse no desenvolvimento da região. Todos esses elementos são importantes na determinação de um país como potência regional (CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

A governança da Rússia mudou muito desde o final da URSS, se antes era uma grande potência, hoje já não consegue ter a relevância de antes, então uma de suas estratégias para entrar novamente no jogo internacional é dominando a sua região, uma tarefa consideravelmente árdua, já que devido ao seu grande território é cercada por várias regiões -

² As potências regionais exercem influência na região, mas isso não prevalece no âmbito global (BUZAN E WAEVER, 2003, p.37).

³ As grandes potências consideram que as potências regionais conseguem ser influentes apenas na região em que estão inseridas, não sendo relevantes em outros assuntos que envolvem o sistema internacional (BUZAN E WAEVER, 2003, p.37)

como a Europa do Norte, Europa Central e do Leste, Balcãs, Oriente Médio, Ásia Central, Sul da Ásia e Extremo Oriente -, sendo algumas delas marcadas por conflitos e instabilidades. Sendo assim, a Rússia tem que atuar para manter o equilíbrio da região (ZHEBIT, 2003).

Com o fim da URSS, o território soviético deu lugar a 15 novos Estados, incluindo a chamada Federação Russa. A criação da Comunidade de Estados Independentes em 1991 buscou unir todos esses Estados, de modo a dar continuidade à estrutura institucional anterior só que na forma de cooperações. A CEI representa a área privilegiada da Rússia, apesar de ter sido criada juntamente com a Bielorrússia e a Ucrânia (FREIRE, 2014).

A Rússia conseguiu exercer influência de 2000 até 2014 na região eurasiática a partir de alianças com países de vários tipos, estabelecendo em 2011 um acordo com a Ucrânia, Bielorrússia, Cazaquistão, Armênia, Quirguistão, Moldávia e Tajiquistão para que as trocas comerciais ocorram entre eles com as tarifas reduzidas. Esse acordo foi muito importante porque tem ambições de formar a União Euroasiática, ou seja, formar um bloco parecido com o da União Europeia de integração política e econômica que teria a Rússia como o grande líder (FREIRE, 2014). Sua maior ambição é conseguir países centro-asiáticos para a futura União para conseguir também se destacar frente aos avanços regionais chineses (ALVES, 2012).

Como mostrado na tabela 1, a Rússia se destaca muito nos dados apresentados quando comparada aos países da sua região de atuação, principalmente nos gastos militares que sempre preocuparam o mundo, pois mesmo depois da URSS, a Rússia ainda é muito forte no aspecto militar, possuindo um forte arsenal militar. Isso demonstra que ao comparar as capacidades materiais de cada um dos países, a Rússia seria então a potência regional, porém será possível perceber alguns empecilhos na sua consolidação como potência, como será discutido mais adiante.

Tabela 1 - Indicadores dos Países da Eurásia

Indicadores	Rússia	Armênia	Bielorrússia	Geórgia	Ucrânia
Demografia/Geografia					
População (em milhões)	143.456.918	3.017.712	9,495.826	3.999.812	44.823.765
Área (Km ²)	17.100.000	29.740	207.600	69.700	603.550
Economia e Desenvolvimento					
PIB (em milhões)	1.326.016	10.529	54.609	13.965	90.615
PIB per capita (em dólares)	9.234	3.489	5.751	3.491	2.022
IDH	0, 798	0, 733	0, 798	0, 754	0,747
Militar					
Gastos militares (em milhões de dólares)	69.245	431	597	315	3.423
Gastos militares (em % do PIB)	5,3%	4,0%	1,3%	2,2%	3,8%

Fonte: IBGE (2016), Stockholm International Peace Research Institute (2016)

É justamente por causa da CEI que a Rússia consegue obter uma importância tanto no leste quando no oeste, isto é, Moscou busca manter a ordem da região, pois a instabilidade naquela área significa que sua segurança estará em risco. Desde que Putin estabeleceu uma política externa com prioridade na CEI, foi possível perceber o interesse do presidente em fazer daquela a sua área de influência (FREIRE, 2014).

No entanto, a Rússia encontrou dificuldades para atingir esse objetivo, pois os países que compõem o CEI são muitas vezes diferentes no sentido político, econômico e social, não possuem as mesmas características de quando a Comunidade se estabeleceu. Além disso, a Rússia não possui nenhum poder sob qualquer um deles, então a estratégia de Putin foi justamente a de se aproximar de países que tinham interesses e orientações mais parecidas com os da Rússia, como foi o caso da Armênia. Porém, o caso da Geórgia e do Azerbaijão é diferente, já que o primeiro tem uma política mais compatível com a do ocidente e o segundo conseguiu se tornar independente a partir da política multivetorial (FREIRE, 2014).

Esses casos dificultaram a atuação mais próxima da Rússia na região, mas o país ainda tenta manter a UE, a China e os EUA longe dos países da região para que eles não fossem tão influenciados pelas ideias ocidentais. Os conflitos geopolíticos entre a Rússia e o Ocidente foram aumentando com o passar do tempo por causa dessas interferências que não agradavam a Rússia. Um momento importante foi em 2007-2008 na tentativa da independência de Kosovo e a guerra russo-georgiana, que representaram a reafirmação russa na região, já que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) não defendeu a Geórgia. A Rússia lutou para manter a Ucrânia longe do Ocidente, apesar do país ser dividido geograficamente e ter fortes razões para querer um acordo com a União Europeia (ORENSTEIN, 2015).

Isso mostrava que a Rússia estaria disposta a usar a força caso fosse preciso para manter sua posição no território pós-soviético. Com o enfraquecimento da Geórgia, Moscou definiu suas fronteiras de influência, apontou sua posição hegemônica no CEI e garantiu que impediria a intervenção dos EUA na Eurásia. Além disso, se apoia no fato de que vários países da CEI, como a Ucrânia, a Bielorrússia e a Geórgia são dependentes do setor energético russo (QUADROS; MACHADO, 2015).

Se por um lado a Rússia tem a Bielorrússia como principal aliada, por outro tem a Ucrânia muito interessada na política externa multivetorial, isto é, direcionada não só para a Rússia, mas também para a União Europeia e a OTAN, o que não agrada a Rússia (QUADROS; MACHADO, 2015).

As políticas militares e econômicas desenvolvidas pela Rússia, assim como a promoção de projetos de caráter educativo e cultural têm servido para aproximação dos Estados. No entanto, a presença Russa só se dá de forma efetiva quando há algum ator externo querendo influenciar na região (FREIRE, 2014).

Além da CEI, outra iniciativa que aumenta a participação russa no entorno regional é a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO), que une vários países da ex-URSS no sentido de fazer uma cooperação militar e se opor à OTAN (QUADROS; MACHADO, 2015).

Já em relação à influência da Rússia na Ásia Central, o país atua na estabilidade da região, apesar que bem menos do que quando era a URSS. Os países que também atuam na Ásia Central são: EUA, China, Irã e Turquia, mostrando uma região multipolar (QUADROS; MACHADO, 2015).

Com os megaeventos esportivos, pode ser que a Rússia consiga se aproximar mais dos países da região, de forma a gerar benefícios futuros. Como é um evento tão grande e importante, o país provavelmente contará com turistas dos países da CEI, por exemplo, assim como todos os outros vizinhos. Além disso, será possível mostrar para o mundo a cultura dos países que antes pertenciam à URSS, bem como o que se tornaram, quebrando um pouco o pré-conceito que os países normalmente têm com a Rússia, principalmente os países ocidentais.

Os megaeventos podem gerar mais visibilidade para a região, de forma a promover mais acordos comerciais e integrações para com os países do leste europeu. Ademais, os megaeventos esportivos servirão como forma de atração de investimentos para a região. Apesar dos benefícios mencionados, a atitude russa de intervir na Ucrânia na época dos Jogos não foi vista de forma positiva pela maioria dos países, pois pareceu uma decisão muito mais para mostrar poder do que resolver o problema em si.

Peterson e Vamling (2013, pg. 10) expõem em seu texto que a Rússia insistiu na escolha de Sochi para sediar as Olimpíadas para dar uma oportunidade para que não só a cidade em si se desenvolva, mas para que isso promova também uma melhora na infraestrutura da região e um aumento de empregos e financiamento, algo que poderia proporcionar uma estabilidade para a região e redução de conflitos.

Então por mais que os megaeventos esportivos sirvam para que um país se projete internacionalmente e se destaque frente aos seus vizinhos, a Rússia não conseguiu se aproveitar muito disso, não conseguiu unir a região para mostrar um ambiente estável, até porque isso não iria refletir a realidade de uma região tão conflituosa. Os benefícios dos megaeventos foram conduzidos de forma mais individual para a Rússia.

1.2 Megaeventos Esportivos na Rússia

Vladimir Putin tinha um grande objetivo a ser conquistado através dos megaeventos esportivos: melhorar a imagem internacional da Rússia que desde o fim da URSS foi desgastada, como ele mesmo disse: “O mundo poderia ver uma nova Rússia, ver a sua personalidade e as possibilidades, ter uma perspectiva imparcial do país”, ou seja, o desejo era mostrar para o mundo e para a própria população que o país tem capacidade de ser um líder em áreas como tecnologia, infraestrutura, lazer e qualidade de vida. A partir disso poderia aumentar

suas parcerias ao redor do mundo, promover investimento e tornar a Rússia atraente para investidores e turistas ao redor do mundo (KOBIERECKI, 2016).

Tudo isso poderia resultar em uma oportunidade de se colocar como um país relevante no cenário internacional novamente e também como uma potência regional. Este desejo de melhorar a imagem ao sediar megaeventos esportivos é muito comum principalmente entre os países não democráticos (KOBIERECKI, 2016).

É imprescindível que a Rússia consiga através desses eventos se colocar como uma potência regional assim como vem se propondo a fazer, principalmente para abrir a possibilidade e o interesse de mais países participarem da União Eurasiática, que vêm sendo parte da estratégia de Putin de colocar a Rússia em um outro patamar competindo diretamente com a União Europeia.

1.2.1 Processo de Candidatura Jogos de Inverno de 2014

Em 2005 começou o processo de candidatura dos Jogos de Inverno de 2014, onde o Comitê Olímpico Internacional (COI) recebeu propostas de três cidades para que pudessem ser sedes do evento, sendo estas representadas pela Coreia do Sul (Pyeongchang), Áustria (Salzburgo) e Rússia (Sochi). Para que fossem escolhidas, cada cidade deveria apresentar propostas ousadas e bem planejadas que convencessem o COI. A Rússia apostou em um programa de intercâmbio e difusão cultural e esportiva colocando uma pista de gelo no local onde a cerimônia de decisão das Olimpíadas ocorreria (MERTIN, 2012).

O processo de candidatura para as olimpíadas passa por três etapas: a primeira é aquela em que as cidades respondem um questionário, a segunda define quais as cidades são candidatas e a terceira avalia qual cidade tem melhores propostas e condições para receber um evento desse porte. Todo esse processo é feito por membros do COI (MERTIN, 2012).

A Rússia vinha tentando se tornar sede olímpica já havia um tempo, mas por causa das dificuldades financeiras não chegou a acontecer até 2005 quando a cidade de Sochi voltou a competir com as demais. Sochi adotou como lema os dizeres: “Passaporte para o Futuro” (MERTIN, 2012).

De certa forma, o grande empenho de Putin na organização dos Jogos também tinha a ver com a demonstração de que o presidente russo conseguiu superar a crise financeira e trouxe não só riqueza e estabilidade para o país, mas também restaurou o orgulho russo que havia sido perdido com o fim da URSS (KOBIERECKI, 2016).

Quanto aos desejos mais domésticos, Putin queria que os Jogos ajudassem na melhoria da infraestrutura e no desenvolvimento do Sul do país. Além disso, os russos previam uma ampliação do turismo, algo que faria muito bem para a região (MERTIN, 2012).

O orçamento russo para o evento era de R\$5,02 bilhões, estimativas essas que ultrapassavam tanto o orçamento da Áustria quanto da Coreia. Apesar disso, alguns pontos foram criticados pelo COI na proposta da Rússia de candidatura, onde havia uma preocupação com relação ao fato de que a Rússia não apresentou nenhum projeto concreto, apenas ideias “virtuais”, ainda não tendo construído absolutamente nada. Outro elemento que ameaçou a candidatura de Sochi foi a questão ambiental, já que se pretendia construir uma pista de esqui e *snowboard* no Parque Nacional de Sochi, que era considerado um patrimônio da humanidade para a UNESCO (MERTIN, 2012).

O presidente Putin se demonstrou muito presente em todo o processo da candidatura, participando de reuniões, conferências e da apresentação final da Rússia, postura que influenciou bastante a Comissão de Avaliação do COI. Mesmo na época em que era primeiro ministro, ele demonstrava enorme atenção com o assunto, declarando que os pedidos da UNESCO com relação ao risco ambiental seriam prioridade do governo (MERTIN, 2012).

De 2008 a 2012, Putin foi primeiro ministro do presidente Dmitry Medvedev, e ainda estava empenhado em construir uma boa Olimpíada de Inverno, então garantiu que mesmo com a crise financeira mundial, Sochi entregaria um evento grande e dentro do prazo.

É importante entender que o financiamento dos jogos foi feito principalmente pela iniciativa privada. A estimativa inicial era de que os custos seriam em torno de 39 bilhões de reais, mas acabou ficando muito mais caro que isso, ou seja, os Jogos de Inverno de 2014 logo se tornaram os Jogos mais caros de todos os tempos, com um custo de 165 bilhões de reais (KOBIERECKI, 2016).

O projeto de Sochi era muito ambicioso, já que grande parte da infraestrutura começou do zero, onde se prometia uma linha ferroviária de alta velocidade e uma estrada entre Sochi e as montanhas, assim como centros esportivos e duas Vilas Olímpicas. Além disso, os custos eram altos demais também pelo fato de que Sochi é uma cidade subtropical, tendo que se adaptar para que se tornasse um ambiente propício aos Jogos de Inverno (KOBIERECKI, 2016).

Depois da brilhante candidatura, Sochi foi finalmente escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2014. Mas enquanto o governo vivia a euforia da vitória, não se podia dizer o mesmo dos cidadãos russos, pois viram seu governo lucrar muito com a corrupção. Além disso, aqueles que viviam na Baía Imereti foram muito prejudicados, pois perderam suas casas para a construção da Vila Olímpica (MERTIN, 2012).

A figura de Vladimir Putin foi extremamente importante na vitória de Sochi como cidade-sede dos Jogos de 2014 justamente pelo fato de que ele buscou estar próximo dos membros do Comitê Olímpico Internacional e atuou diretamente durante todo o processo, transparecendo grande comprometimento da Rússia.

Um efeito positivo que surgiu logo depois do anúncio de Sochi como cidade-sede dos Jogos de Inverno de 2014 foi o turismo, que aumentou significativamente na cidade. Em 2014, 5,2 milhões de turistas foram para os Jogos, e esse número aumentou em 2015, já que foram 6 milhões de pessoas para a cidade olímpica. Considerando que em 2006 o número de turistas girava em torno de 3,7 milhões de turistas, percebe-se que houve um aumento considerável. Quando se trata de reservas de hotéis, Sochi superou até mesmo Moscou nesse quesito, mostrando que o país se tornou muito mais atrativo principalmente por causa do evento esportivo (GOLUBCHIKOV, 2017).

1.2.2 Preparação para os Jogos e problemas enfrentados

A Rússia encontrou diversas dificuldades depois do início dos preparativos para os Jogos. Teve de enfrentar uma população insatisfeita, obras atrasadas, boicote por parte dos ucranianos, dificuldades com a locomoção de materiais necessários para a construção da infraestrutura do Parque Olímpico, bem como a Vila Olímpica. A localização das instalações olímpicas também era motivo de preocupação, já que se encontrava na região georgiana da Abecásia, onde ocorrem diversos conflitos e ataques terroristas. Além disso, o evento foi marcado por controvérsias e problemas por causa da corrupção, o autoritarismo do regime político, violações de Direitos Humanos e a constante repressão relativa à população LGBT (MERTIN, 2012).

Um problema que sempre assombra um país que vai ser sede de um megaevento esportivo é a questão da infraestrutura e o tempo, principalmente no caso da Rússia que iria começar o projeto do zero. O COI deu um prazo de seis anos e meio para que a Rússia completasse seu projeto. No entanto, o porto de Sochi não tem capacidade suficiente para receber grandes entregas de aço e concreto e existem alguns lugares perto dos locais de construção que não possuem estradas, tudo isso atrasa as obras e obriga a equipe russa a correr contra o tempo (MERTIN, 2012).

De acordo com relatórios feitos e divulgados pela Human Rights Watch, foram revelados alguns abusos de Direitos Humanos por parte da Rússia durante os Jogos, sendo

alguns deles: a propaganda gay⁴, exploração de trabalhadores, despejo ilegal de resíduos de construção ameaçando a saúde e a segurança dos moradores; despejos dos moradores para dar lugar à construção olímpica, muitas vezes sem compensação justa. Muitas dessas violações eram cometidas por empresas privadas responsáveis pelas construções e a infraestrutura dos Jogos (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

Em 2013, a Rússia aprovou uma lei que proibia a “propaganda gay” no país. Foi uma lei muito polêmica, já que acabava encorajando a homofobia e as ofensas contra a comunidade LGBT, assim como representando uma violação dos Direitos Humanos. É uma propaganda que é totalmente avessa à tudo que os Jogos Olímpicos e o espírito esportivo representam, então o COI foi muito criticado por ainda assim ter continuado com a organização dos Jogos na Rússia (PRESSEa, 2013). Esse foi um dos motivos pelos quais líderes como Barack Obama, David Cameron e Angela Merkel não participaram da cerimônia de abertura.

Isso se tornou um problema também por causa da Copa do Mundo na Rússia em 2018, já que a FIFA declarou que existia tolerância zero contra a discriminação baseada na orientação sexual. A lei antigay na Rússia ressaltou o quanto a Rússia se difere dos valores europeus de democracia, liberdade e expressão (ORENSTEIN, 2015).

A exploração dos trabalhadores, que muitas vezes eram imigrantes, foi exposta em alguns dos sites que cobrem as Olimpíadas, como o Fisht Stadium, algo que coloca uma imagem muito ruim para a Rússia. Os abusos estavam ligados com o não pagamento dos trabalhadores, a falta de contratos de trabalho, horas de trabalho excessivas, às vezes até 12 horas, onde as horas extras não eram pagas, alimentação inadequada e lugares superlotados, além da retenção ilegal de passaportes e outros documentos (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

Um representante da área de imigração, Semyon Simonov, relatou que recebeu reclamação de 700 trabalhadores que ainda não haviam recebido pagamento. Ainda assim, o COI acreditava que a ONG não tinha informações suficientes para que o comitê e as autoridades russas pudessem fazer alguma coisa (HUMAN RIGHTS WATCH, 2014).

A questão relativa à segurança tem tudo a ver com a localização de Sochi, que fica em uma colina da Cordilheira do Cáucaso. Desde o fim da União Soviética há disputas e conflitos territoriais nesse lugar, já que há três estados independentes no Sul do Cáucaso, sendo estes a Geórgia, Armênia e Azerbaijão, são conflitos separatistas (PETERSSON; VAMLING, 2013).

Desde que foi escolhida para sediar os Jogos, o mundo obviamente analisava cada passo da Rússia. Em 2008, a Rússia entrou em uma guerra contra a Geórgia, algo que imediatamente chamou a atenção internacional, já que a localização das instalações olímpicas seria na região

⁴ “Propaganda ou material publicitário que faz alusão à homossexualidade (ISTO É, 2017a)”.

georgiana da Abecásia, região esta que envolvia diversos conflitos, inclusive ataques terroristas. É uma questão de segurança internacional muito grave, que poderia render à Rússia uma tragédia caso algo acontecesse durante os jogos (MERTIN, 2012).

A preocupação aumentou mais ainda quando um líder islâmico no norte do Cáucaso chamado Doku Umarov publicou um vídeo ameaçando os Jogos de Inverno de Sochi e pedindo para que todos fizessem o possível para acabar com os jogos. Para resolver tal problema, a Rússia gastou mais de 1 bilhão somente em segurança, com policiais e seguranças isolando a cidade, uma forte presença de militares, além de bancos de dados pessoais de todos os visitantes do evento (MULLER, 2014).

Outra questão regional que preocupa a Rússia é a Abecásia, que era república autônoma da Geórgia na época da União Soviética e que hoje é um estado reconhecido pela Rússia. O território da Abecásia tem sido usado para os jogos como rota de fornecimento dos materiais que estão sendo utilizados para a construção das instalações olímpicas, e isso não agrada muito o governo da Abecásia, pois acham que isso pode ser uma jogada russa para anexar o território deles, o que aumenta a tensão em uma área já conflituosa (PETERSSON; VAMLING, 2013).

Um acontecimento no final dos Jogos que não foi de conhecimento de muitas pessoas - até hoje não é -, foi o caso dos circassianos que habitavam a região de Sochi. No século XIX, a Rússia expulsou os circassianos do seu país e o motivo é especulado por alguns como de ódio étnico. A guerra contra esse povo acabou em Sochi. Depois disso, uma atitude contra esse povo ocorreu novamente nos Jogos de 2014, quando a Rússia construiu suas instalações em valas onde muitos circassianos foram mortos. Os circassianos tentam convencer o mundo de que essa expulsão causou a morte de mais de 600 mil pessoas, principalmente por causa da fome, e que as Olimpíadas eram um afronte às memórias daqueles que morreram (CHELALA, 2014).

Passados os preparativos, os Jogos de Inverno começaram então no dia 7 de fevereiro e terminaram no dia 23 de fevereiro. O evento contou com cerca de 2,850 atletas de 89 países, além de 1,650 atletas paraolímpicos de 45 países. O público dos Jogos veio de 124 países, totalizando uma venda de ingressos maior que a de Vancouver, que foi a cidade-sede dos últimos Jogos de Inverno, que venderam 1,49 milhões de tickets (GREENE, 2014).

Durante os Jogos de Inverno houve a deflagração de uma crise política na Ucrânia, de tal seriedade que se assemelhava a uma Guerra Civil, além da anexação da região da Crimeia por parte da Rússia. Isso influenciava diretamente nos Jogos, já que atletas Ucrânicos deixaram de participar das competições como forma de protesto à atitude russa (FOLHA, 2014). Então, de certa forma a Rússia tentava utilizar do Soft Power, mas esses conflitos geopolíticos faziam com que a imagem internacional do país ainda não fosse totalmente aceita,

neutralizando um pouco as investidas russas de se promover internacionalmente. É importante falar que apesar da opinião internacional não apoiar muito a Rússia nesse aspecto, a questão da Crimeia foi uma estratégia de Putin para mostrar que a Rússia ainda tinha capacidade de defender seus compatriotas, apesar do presidente ter esperado o fim das Olimpíadas para agir efetivamente no conflito (OLIVEIRA, 2014).

Esse conflito, que se prolonga até os dias de hoje, pode afetar a Copa do Mundo de 2018, já que o governo ucraniano vem apoiando o boicote da Copa até a Rússia retirar suas tropas das zonas ocupadas. A FIFA ainda não se manifestou sobre o assunto, mas o ex-vice presidente da federação, Vyacheslav Koloskov, disse que a tentativa de boicote não daria certo, assim como não funcionou durante os Jogos de Inverno de Sochi (CHADE, 2015).

Passados os Jogos, um tópico que foi muito comentado é a corrupção. Houve investigações direcionadas para os Jogos de Inverno de 2014 por causa das fortes suspeitas de esquemas de corrupção. Apesar de não haver evidências e nada ter sido comprovado até então, o que se suspeita é que algumas partes do dinheiro lançado para as obras do evento foi roubada. É claro que o presidente Putin nega qualquer tipo de esquema (GLOBO, 2014).

1.2.2 Processo de candidatura da Copa do Mundo de 2018

Por motivos muito parecidos com aqueles mencionados acima ao se candidatar para as Olimpíadas de Inverno, Vladimir Putin apostou mais uma vez em um megaevento esportivo para colocar a Rússia no mapa internacional. Apesar da Rússia nunca ter sido uma grande potência no futebol, se empenha muito para criar o palco do espetáculo futebolístico.

O prazo para manifestação de interesse de candidatura para a Copa do Mundo de 2018 era até fevereiro de 2009 e as propostas deveriam ser entregues no segundo semestre de 2010, logo depois do fim da Copa do Mundo na África do Sul. A FIFA busca fazer um sistema de rotação dos continentes para que o mesmo continente não receba sempre o evento e não dê oportunidade para outros. Sendo assim, apenas os países da UEFA (União das Federações Europeias de Futebol), da CONCACAF (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe), da AFC (Confederação Asiática de Futebol) e da OFC (Confederação de Futebol da Oceania) poderiam se candidatar para a edição de 2018 (JORNAL EXPRESSO, 2009).

Os países que se candidataram foram: Inglaterra, Rússia, Bélgica/Países Baixos, Espanha/Portugal (R7, 2010). Embora a disputa fosse difícil, dessa vez a Rússia contava não só com a experiência que adquirira na candidatura e na preparação das Olimpíadas de Inverno de 2014 como também com o legado que deixaria a cidade de Sochi, aliviando um pouco do

orçamento gasto, bem como ganhando tempo para cuidar dos estádios das outras cidades-sede.

A votação ocorreu no dia 2 de Dezembro em Zurique e teve a participação de 22 membros do Comitê Executivo da FIFA (FOLHA, 2010). A votação teve duas rodadas e ocorreu da seguinte forma:

Tabela 2 - Congresso Ordinário da FIFA para a Copa do Mundo de 2018



Fonte: Wikipédia (2017)

O resultado da candidatura se repetiu em relação ao de 2014, e a Rússia foi escolhida novamente como sede da Copa do Mundo, algo inédito no país e no Leste Europeu. A FIFA escolheu a Rússia não só pela experiência e por confiança no país como anfitriã, mas também por causa dos incentivos ao futebol no país através da Primeira Liga Russa e do aumento dos investimentos em jogadores estrangeiros para fortalecerem a Liga, ou seja, foi uma decisão direcionada ao incentivo do esporte no país e a um maior interesse pelo futebol. Além disso, a Rússia se propôs a gastar R\$ 36 bilhões de reais no evento, onde seria destinado 1 bilhão para as construções e reformas dos estádios e o resto seria destinado à infraestrutura do evento. É um orçamento extremamente alto, porém, sabendo que a Rússia fez os Jogos de Inverno mais caro de todos, já era esperado um forte investimento (SPUTNIK, 2009).

As cidades incluídas para participarem do Mundial são: São Petersburgo, Volgogrado, Sochi, Samara, Saransk, Caliningrado, Kazan, Rostov, Níjni Novgorod, Ecaterimburgo, Moscou. Com exceção de Ecaterimburgo, todas as cidades estão na Rússia Europeia (NATAN; SOUZA, 2017).

1.2.2.1 Preparação para a Copa e problemas enfrentados

A ideia inicial era entregar todos os estádios um ano antes do início da Copa, que tem sua abertura marcada no dia 14 de junho no estádio Luzhniki em Moscou. Dez estádios foram reconstruídos e dois reformados, totalizando 12 estádios para a Copa. Como é de praxe, a FIFA sempre manda pessoas para inspecionar o andamento e a preparação para o evento, então isso foi feito em outubro de 2014, e foi relatado que a Rússia estava indo bem (NATAN; SOUZA, 2017; BBC, 2016b).

Para a Copa do Mundo de 2018, a Rússia enfrenta problemas muito parecidos com aqueles dos Jogos de 2014, como o caso da lei que proíbe a “propaganda gay”, que incentiva o preconceito e a discriminação contra a comunidade LGBT dentro do país. A FIFA afirmou em nota que acredita que a Rússia cumprirá a promessa de receber todos os convidados para a Copa de forma calorosa, independentemente de sua orientação sexual (GLOBO ESPORTE, 2013).

A questão relativa à segurança ainda é motivo de preocupação, visto que a guerra com a Ucrânia ainda se faz presente, mas a FIFA acredita na capacidade da Rússia de contornar os problemas e no esforço de realizar um evento desse porte no país.

Além disso, outro problema tem sido as ameaças de terrorismo do Estado Islâmico ao divulgar imagens de decapitação das maiores estrelas da Copa, como Messi, Neymar e Cristiano Ronaldo. Todas as imagens possuem frases como: “Esperem por nós”, “Nós vamos continuar aterrorizando vocês e arruinando suas vidas”. Preocupados com tal situação, houve uma reunião da FIFA, do Comitê Local, o FBI e a Interpol para fazer investigações e criar um esquema mais forte e eficiente de segurança durante todo o evento. Segundo o Comitê Organizador, uma estratégia de segurança já foi adotada na Copa das Confederações e obteve sucesso (ISTO É, 2017b).

Novamente a Rússia enfrenta relatos de explorações trabalhistas e violação de direitos humanos. A organização Human Rights Watch continuou investigando o país e relatou que 17 trabalhadores morreram durante a construção de estádios, além do fato de que muitas vezes eles têm que trabalhar sem um contrato registrado, não recebem o pagamento nem toda a proteção necessária contra o forte frio russo. A equipe russa nega os abusos falando que sempre há inspeções nos locais de construção e nunca houve nenhuma indicação sobre condições precárias de trabalho (GLOBO ESPORTE, 2017a).

Assim como ocorreu com os Jogos, a Rússia passa novamente pela suspeita de corrupção, caso que poderia até mesmo transferir a sede da Copa de 2018. O “relatório Garcia”

contém os processos de licitação para as sedes da Copa do Mundo na Rússia e a Copa do Mundo de 2022, com sede no Qatar. O FBI está investigando se houve qualquer tipo de compra de voto durante a votação para decidir a sede, se encontrar qualquer evidência que indique corrupção a sede será invalidada (FOLHA, 2015). A polêmica em relação a esse tema foi tanta que a FIFA resolveu colocar os votos abertos ao público na próxima votação de sede (GLOBO ESPORTE, 2017b).

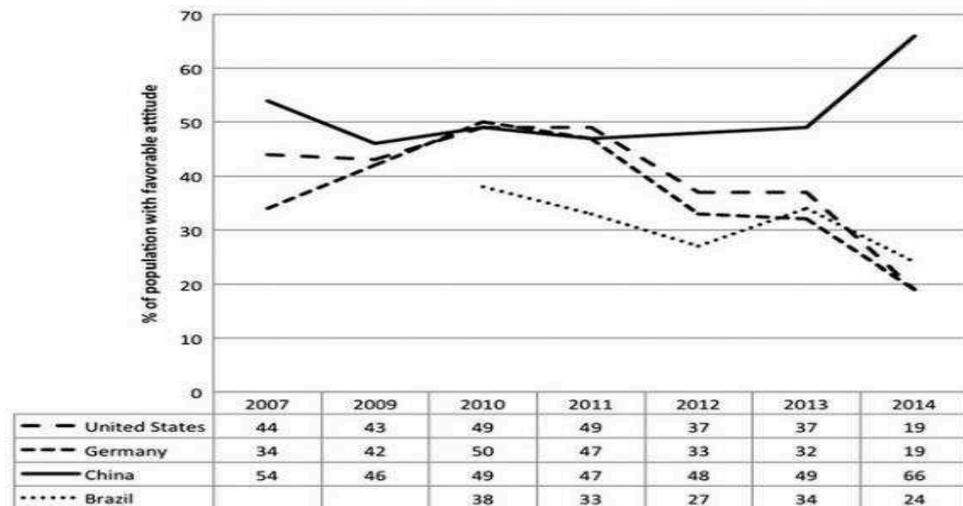
1.3 Impacto Internacional

No primeiro dia de evento, mais especificamente no dia depois da cerimônia de abertura, a imprensa já começou a fazer suas *reviews* sobre o que acharam. Segundo a BBC (2014), uma pesquisa feita revelou que 9 de 38 países possuem uma visão favorável a respeito do anfitrião. Dentro dos EUA, um total de 44% de pessoas disseram que acham que não é uma boa ideia os Jogos acontecerem lá. Segundo Nadav Eyal, do jornal israelense Ma'ariv, falou que o evento será um fiasco e isso marcará a história da Rússia. O *El Mundo* da Espanha destacou os altos custos dos Jogos para mostrar força. Para o *Japan Times*, a atmosfera criada nos Jogos de Sochi está indo muito mal (ZURCHER, 2014).

Já a China escolheu defender a Rússia, dizendo no *People's Daily* de Beijing que não importa se alguns tentaram boicotar os Jogos, os líderes chineses estarão presentes no evento e ainda falou que os laços entre os dois países continuam fortes (ZURCHER, 2014).

Com o fim dos Jogos de Inverno foi possível constatar que de forma geral a imprensa internacional viu os Jogos como um sucesso, como falado pelo *Reuters*³ (2014). Segundo o *The Guardian* (2014), apesar dos medos e do pessimismo que perseguia os Jogos, tudo isso foi substituído por celebração. No entanto, se tratando do aspecto internacional de forma geral, as atitudes da Rússia relativas aos conflitos regionais estavam sendo assistidas de forma bastante próxima pelo mundo e se tornaram menos positivas em algumas partes do mundo, como foi o caso da Alemanha e dos EUA, duas grandes potências mundiais, e Brasil que figura como país emergente. O caso da China foi um pouco diferente, já que começou a olhar a Rússia de forma mais positiva depois da sua intervenção na Ucrânia, o que acabou servindo para melhorar a relação entre os dois países (MULLER, 2015).

Gráfico 1 - Países favoráveis às atitudes russas



Fonte: MULLER (2015)

A opinião pública se mostrou muito satisfeita com o evento de 2014, onde o índice de aprovação dos russos aumentou durante o período de preparação indo de 61% para 76%, índice que apesar de ter aumentado, ainda é menor do que de outras nações-sedes que costuma ficar na média de 82%. A opinião já muda um pouco quando se fala dos moradores de Sochi que tinha um índice de aprovação em torno dos 40% em 2013, isso se deve aos impactos diretos que sofreram desde o processo de preparação dos jogos até o fim dos mesmos (MULLER, 2012).

2. POLÍTICA EXTERNA NO BRASIL E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Os anos 2000 foram extremamente importantes para a maior participação do Brasil no cenário internacional, pois foi o momento em que as estratégias de política externa estavam mais voltadas para aproveitar o momento multipolar. O pontapé inicial veio do governo de Fernando Henrique Cardoso e sua política de “autonomia pela participação”⁵, onde ampliou as relações com China, Índia, África do Sul; ao mesmo tempo, tentava utilizar as negociações Mercosul-União Européia para assegurar maior espaço de manobra. Essa tendência seria aprofundada na administração de Luís Inácio Lula da Silva, indicando a mudança gradual da “autonomia pela participação” para a estratégia que se define como a da busca de “autonomia pela diversificação”⁶ (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

A decisão por optar pela ‘autonomia pela diversificação’ já demonstrava que Lula não queria ficar preso nas parcerias mais tradicionais brasileiras, mas queria ampliar o leque de opções para que o Brasil não só tivesse mais países com quem negociar, mas que o nome do país pudesse ser levado para o mundo todo, tudo isso foi estratégia para que o Brasil começasse a ter uma maior participação no cenário internacional, ao invés de ser um mero observador. Sendo assim, no governo Lula foi possível perceber o intenso uso da diplomacia presidencial, onde o presidente pôde fazer viagens, encontros e conversas com representantes de outros países (ALMEIDA, 2004).

Para dar início a um governo mais articulado e a um Ministério das Relações Exteriores mais assertivo, Lula aumentou o número de cargos diplomáticos brasileiros no exterior, principalmente no Sul, para aumentar a presença brasileira em áreas de interesse. Outra medida para a promoção internacional brasileira foi o aumento de embaixadas do país no exterior (CORNETET, 2014).

Foi então no governo Lula que o Brasil teve interesse em ampliar seus parceiros, entrando no bloco dos BRICS e dando ênfase principalmente na cooperação Sul-Sul, salientando a sua importância na América do Sul. Além disso, o Brasil passou a atuar com maior intensidade na Organização Mundial do Comércio (OMC), a constituição do G-3, participação em operações de paz, como no Haiti, deram ao Brasil uma posição de destaque,

⁵ “Autonomia pela participação: a adesão aos regimes internacionais, inclusive os de cunho liberal, sem a perda da capacidade de gestão da política externa; nesse caso, o objetivo seria influenciar a própria formulação dos princípios e das regras que regem o sistema internacional” (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

⁶ Autonomia pela diversificação: maior participação do país em alianças Sul-Sul, alianças regionais e acordos com parceiros não tradicionais (China, Ásia-Pacífico, África, Europa Oriental, Oriente Médio etc.), para aumentar a capacidade de negociação do Brasil (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

representando inovação nas relações internacionais, o que pode futuramente resultar no tão sonhado assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (OLIVER, 2012). A partir disso, foi possível observar um desenvolvimento do *soft power* no governo Lula, mesmo que de forma discreta, que combina bem com as condições e vulnerabilidades de um país como o Brasil: um *global player*, que possui várias aspirações internacionais, mas que historicamente tem capacidades de *hard power* bastante limitadas (VALENÇA; CARVALHO, 2014).

Para aumentar ainda mais o reconhecimento brasileiro no cenário internacional, o presidente buscou levar os megaeventos esportivos para o país. É claro que não é fácil e nem barato participar de uma candidatura desses eventos, visto que se compete com países com maior prestígio internacional e capacidade financeira, mas Lula tentou aproveitar o bom momento internacional pelo qual o Brasil vivia para poder colocar o país em evidência por alguns dias durante os Jogos e a Copa, visando sempre projetar uma boa imagem do Brasil para o mundo diferente daquela que relaciona o Brasil à violência e as desigualdades econômicas.

É importante salientar que o Brasil conta com uma fonte de *soft power* muito poderosa e que muitas vezes é a imagem do país que é mais conhecida no exterior, que é o futebol. O Itamaraty busca utilizar o *soft power* com o objetivo de promover o país internacionalmente, o que é natural devido à própria natureza da diplomacia brasileira que tem a tendência de ser um país que corrobora com a cooperação e a paz.

A conquista da vitória das candidaturas da Copa e das Olimpíadas foi importante na consolidação de boas manobras dos formuladores de política externa e do próprio presidente que atuou de forma bastante presente para que isso se tornasse possível. Todos os direcionamentos pelos quais o Brasil foi apresentando no cenário internacional foram essenciais na conquista do Brasil de sediar eventos como os Jogos Pan-Americanos em 2007, que na verdade funcionou mesmo como um teste para analisar a desenvoltura brasileira para receber um grande evento esportivo (OLIVER, 2012).

Lula terminou seus dois mandatos de forma bastante positiva, contando com enorme aprovação dos brasileiros. Para que o PT (Partido dos Trabalhadores) continuasse o poder, Lula apoiou toda a campanha de Dilma Rousseff para que ela pudesse dar continuidade ao que ele havia feito. Devido à credibilidade depositada por Lula na candidata, ela foi eleita sua sucessora em 2010. A política externa brasileira praticada por Dilma foi mesmo de continuidade, porém bem menos ativa, principalmente no que concerne às práticas regionais devido à grave crise econômica pela qual o país passou em seu governo (CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

Por causa da crise, o corte de gastos teve que ser feito, resultando em menores atividades internacionais e maior atenção ao ambiente interno, até porque o descontentamento era tanto que a população foi às ruas em junho de 2013 reclamar do aumento das passagens de ônibus, motivo este que não foi exatamente a causa da insatisfação, mas o estopim para que os brasileiros tivessem o motivo para criticarem a forte crise política e econômica como um todo. Isso refletiu até mesmo na Copa do Mundo, pois os brasileiros começaram a ameaçar que haveria violência durante o evento esportivo, além do movimento “Não vai ter Copa”, principalmente porque acreditavam que o momento era para resolver os problemas do país, e não gastar exorbitantemente em um evento esportivo (CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

As manifestações de 2013 coincidiram justamente com a Copa das Confederações, onde a presidente Dilma foi vaiada na abertura, revelando ao mundo - que estava de olhos virados para o Brasil - o descontentamento da população e a baixa confiança depositada no próprio governo. O fato de o Brasil ter vencido a Copa das Confederações atenuou um pouco o ânimo nas ruas, ou seja, querendo ou não o futebol atua como um fator de identidade cultural do povo brasileiro sendo capaz de ditar o tom das manifestações no país e substituindo o grito das ruas de “o gigante acordou” para o grito das arquibancadas de “o campeão voltou” (GALHARDO, 2014).

Mesmo com o alívio que a vitória do Brasil gerou para o governo, ainda assim a crise política e econômica não cessou e no dia 31 de agosto de 2016 Dilma sofreu um *impeachment*, sendo substituída por Michel Temer.

O que se via antes mesmo das Olimpíadas começarem era uma desconfiança muito grande por parte dos outros países com relação ao evento não só por causa da crise política e econômica, mas também por causa das questões que envolviam o próprio evento como a segurança dos atletas e dos turistas, a infraestrutura dos estádios, da Vila Olímpica e do Parque Olímpico, assim como a epidemia do Zika Vírus que preocupava o mundo todo. Mesmo em uma situação como essa, o Brasil foi capaz de entregar um evento muito bem articulado e coeso com o que era esperado.

Durante as Olimpíadas Dilma estava afastada de seu cargo, então Temer que foi na abertura do evento dar as boas-vindas às delegações e ao público. A sua fala se resumiu em uma simples frase de declaração da abertura dos Jogos por causa das vaias que começaram (G1, 2016a).

Poucos dias antes da abertura dos Jogos Olímpicos de 2016, Michel Temer escreveu um artigo que foi publicado na mídia nacional e internacional onde fala da importância do evento para o Brasil:

Depois de anos de preparação, chegamos ao grande dia. A realização no Brasil dos primeiros Jogos Olímpicos e Paralímpicos da América do Sul é demonstração da capacidade do País de superar obstáculos, sejam políticos ou econômicos. Não tenho dúvida, depois de acompanhar atentamente o processo de envolvimento que antecedeu esse momento, de que a realização pelo País de um megaevento esportivo, com imensa visibilidade internacional, fará o povo brasileiro se reencontrar com sua alegria natural (BRASIL, 2016).

Após os Jogos ele se tornou presidente efetivamente e foi só em setembro que pôde dar continuidade à gestão. Ele colocou José Serra como Ministro das Relações Exteriores que teve como sua primeira tarefa pagar as dívidas do Brasil nos organismos internacionais, já que em 2016 o Brasil foi rebaixado da posição de bom pagador (BARBOSA, 2017).

De forma geral, a política externa brasileira continuou na mesma linha de Dilma, com uma atuação internacional através de negociações do Mercosul-União Europeia, tentativa de maior aproximação com os países do sul e com o Canadá. O Brasil teve participação na suspensão da Venezuela do Mercosul, atitude que se difere um pouco do comportamento brasileiro (BARBOSA, 2017).

Segundo Barbosa (2017), redator do Estadão, Temer tem sua política externa voltada para a cooperação sul-americana com objetivo de avançar como potência regional, além de desejar uma cooperação com a Aliança do Pacífico; As relações com os EUA voltaram ao normal, visto que estiveram em situação bem ruim durante o governo Dilma, O Itamaraty tem estudado o governo Trump para criar uma estratégia de aproximação para a cooperação com eles em áreas de interesse brasileiro. Na Europa, o Brasil está tentando negociar com a Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA) e com o Reino Unido, a fim de que possam estabelecer um acordo comercial. Por fim, os Brics continuam como pauta importante na agenda internacional brasileira, principalmente com os acordos bilaterais.

2.1 Brasil como potência regional

Ao longo dos últimos trinta anos, é inquestionável que houve uma enorme transformação no que diz respeito ao modo como o Brasil trata assuntos regionais. O país vem demonstrando mais interesse aos eventos regionais com políticas que mostram a intenção de promover a cooperação e a aproximação com os países vizinhos. Desde a década de 1980, o assunto tem se tornado pauta essencial na agenda internacional e recebido atenção dos formuladores de política externa brasileira, que por muito tempo foram criticados por não priorizarem a região, e sim o bom relacionamento com os Estados Unidos (SPEKTOR, 2010).

Fazendo uma análise dos países da América do Sul, é possível classificar o Brasil como a potência regional, onde Argentina, Chile, Colômbia e Venezuela figuram como potências

secundárias, ou seja, não possuem todos os poderes de uma potência regional, mas não deixam de se destacar de alguma forma na região. Isso se confirma ao observar os dados da Tabela 3:

Tabela 3 - Indicadores dos Países da América do Sul

Indicadores	Brasil	Argentina	Chile	Colômbia	Venezuela
Demografia/Geografia					
População (em milhões)	204.450.649	43.416.755	17.948.141	48.228.704	31.108.083
Área (Km ²)	8.515.759,090	2.791.810	756.096	1.141.750	912.050
Economia e Desenvolvimento					
PIB (em milhões)	1.772.591	632.343	240.796	292.080	344.331
PIB per capita (em dólares)	8.598	14.565	13.416	6.056	11.069
IDH	0,755	0,836	0,832	0,720	0,762
Militar					
Gastos militares (em milhões de dólares)	23.676	5.209	4.608	9.556	9.222
Gastos militares (em % do PIB)	1,3%	1,0%	1,9%	3,4%	0,3%

Fonte: IBGE (2016), Stockholm International Peace Research Institute (2016).

A partir desta tabela, constata-se que o Brasil tem uma área considerável, possui muitos recursos naturais, tem uma população enorme e o maior PIB da América do Sul. Quando se

trata do IDH, perde para a Argentina, o Chile e Venezuela, ou seja, infelizmente é um país marcado pelas desigualdades sociais. Além disso, segundo o G1 (2017), o Brasil não está nem no top 5 de países que mais cresceram na América do Sul, tendo como os melhores colocados a Bolívia com um crescimento de 4,3%, o Paraguai (4,1%) e o Peru (4%). O Brasil teve uma retração de 3,6% em 2016.

No entanto, mesmo após anos de crescimento econômico estável nos anos 2000, de uma política externa em ampliação, possessão de recursos materiais e capacidade militar, segundo Spektor (2010), o Brasil não se comporta como potência regional. Alguns problemas exigem soluções por parte de mais países, então é importante que o Brasil comece a adotar atitudes relativas à cooperação, frente aos princípios da interdependência complexa. O país só se impõe quando é preciso e não assume a posição de principal ator na ordem regional.

Durante o governo de FHC, o Brasil já começou a levar em consideração uma maior participação internacional, através da “autonomia pela participação”, onde o Brasil deixou de observar as questões internacionais de longe para garantir seus alinhamentos e realmente se posicionar no contexto internacional, porém o seu governo não foi direcionado à questão regional (VIGEVANI et al, 2003).

Apesar disso, o Brasil ganhou destaque no Mercosul na década de 90, bloco o qual é responsável por promover a integração entre os países da região. Hoje o Brasil é mais engajado e participativo nas crises que ocorrem na América do Sul e no próprio Mercosul, mas tudo é feito com muita cautela e respeito levando em consideração o princípio de Direito Internacional de autodeterminação dos povos. Essa relação de independência conquistada pelos países do Mercosul aconteceu no momento perfeito, pois foi exatamente quando os EUA estavam ocupados com a Guerra ao Terror, então foi o momento que a região se tornou menos vulnerável aos americanos, que tinham costume a constante interferência nos países latino americanos, então foi o momento de expandirem seu leque de relações (CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

Como afirmam Vigevani e Cepaluni (2007), diferentemente do governo FHC, o governo Lula foi essencial no desenvolvimento do Brasil como potência regional, pois ele priorizou as relações com os vizinhos através da “autonomia pela diversificação”, onde optou por dar mais atenção às relações Sul-Sul através de maior contato com os chefes de Estado da região (ALMEIDA, 2004).

Lula deixou claro que não acredita que o Brasil deve interferir nas questões internas de outros países, como muitas vezes fazem os países desenvolvidos, por outro lado não acha que o Brasil deve se omitir ou ignorar os problemas pelos quais os países vizinhos são atingidos.

Apesar disso tudo, o Brasil ainda não parecia assumir totalmente o comportamento de uma potência regional (SPEKTOR, 2010).

Segundo Spektor (2010), a relutância de um país em assumir sua identidade de "potência regional" pode ter impasses. Isso fica claro nas relações com os Estados Unidos, cuja grande estratégia global valoriza a existência de alianças com potências regionais dispostas e capazes a fazer a manutenção da ordem em suas respectivas regiões, ou seja, visto que os EUA estavam ocupados na guerra contra o terror naquele momento, o Brasil seria o país confiado pelos EUA a ser o equilíbrio na região. Além disso, o Brasil poderia utilizar regionalismo como manobra para mediar e propor entendimentos entre os países da região, diminuir conflitos, e consequentemente aumentar seu poder de barganha nacional em relação ao mundo industrializado.

O papel brasileiro constante e a expectativa dos Estados Unidos de ver o Brasil ajudar a estabilizar, mediar e conduzir a região empolgou os Estados Unidos, já que a América somente teria a ganhar se os dois maiores, mais ricos e mais poderosos países hemisféricos se engajassem em uma parceria mutuamente proveitosa (SPEKTOR, 2010).

No entanto, há obstáculos para o Brasil como potência regional. Um fator que complica muito o reconhecimento do Brasil como potência regional são os próprios vizinhos. Muitos países da América do Sul não veem o Brasil como grande ameaça, nem baseiam seus sistemas de segurança em função do Brasil, apesar de estarem sempre atentos às atitudes e intenções brasileiras. Os principais países da América do Sul se sentem todos capazes de se tornarem a potência que comanda a região, por isso não reconhecem o Brasil como uma (SPEKTOR, 2010).

Embora os vizinhos não tenham a visão do Brasil como principal potência da América do Sul, a força do país dentro de grandes eventos internacionais é indiscutível, visto que o Brasil foi o país escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014 quando a FIFA já estava decidida que seria sediada por um país da América do Sul, o que enfatiza a importância do país na região.

Aliás, como foi constatado pela Organização Mundial do Turismo (OMT), a Copa do Mundo de 2014 impulsionou o turismo em toda a América do Sul contribuindo com o crescimento do mesmo em 6% entre janeiro e junho de 2014. Ainda segundo a OMT, o Brasil recebeu 1,035 milhão de turistas vindos de 203 países de maio até julho, sendo 364.094 desses turistas vindos da América do Sul, o que reitera a importância do evento para o continente (PORTAL BRASIL, 2014).

Além disso, foi o país que conseguiu a vitória para sediar as Olimpíadas de 2016 contra países muito mais fortes e desenvolvidos que o Brasil, ou seja, conseguiu trazer um evento

jamais vivenciado em terras sul-americanas, o que contribuiu não só para que o mundo pudesse conhecer a cultura brasileira, como também a sul-americana. Como foi mencionado pelo presidente Lula, “a candidatura do Rio não é do Brasil, mas sim da América do Sul”, ou seja, o continente todo será capaz de usufruir dos benefícios, buscando atrair o mundo para a região através do sucesso dos megaeventos esportivos.

Mesmo o governo de Dilma Rousseff tendo sido marcado por uma menor pró-atividade no quesito de política externa e a forte crise política e econômica, ainda assim os dois buscaram dar continuidade ao projeto que Lula vinha desenvolvendo, não comprometendo os esforços anteriores e nem implicando em um menor aproveitamento dos eventos esportivos no Brasil pela América do Sul (CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

2.2 Megaeventos Esportivos no Brasil

A decisão de fazer parte dos estados relevantes exige que uma agenda doméstica seja cumprida, ou seja, o país deve possuir estabilidade econômica, ter sua democracia consolidada e contribuir com o abrandamento dos problemas sociais. A partir do momento que um país se torna sede da Copa do Mundo ou das Olimpíadas, ele atrai os olhos do mundo que não só estão interessados no conteúdo do evento, mas também em avaliar e julgar a imagem do país que está sendo passada, podendo esta ser positiva ou negativa (OLIVER, 2012).

Além disso, os países usam esta oportunidade para criar um legado e melhorar a infraestrutura, principalmente através de investimentos privados na economia. Possibilita também o estreitamento de laços entre empresas brasileiras e internacionais, assim como entre os próprios governos, proporcionando uma maior atração de capital externo e assim, ajuda no financiamento do investimento nacional e fomento da economia (OLIVER, 2012).

2.2.1 Processo de candidatura da Copa do Mundo de 2014

Sediar a Copa do Mundo não é uma grande novidade para o Brasil, pois o país já teve essa oportunidade em 1950. No entanto, é importante salientar que era uma época totalmente diferente, os estádios já estavam prontos, a FIFA não tinha tantas exigências quanto à infraestrutura e o fato de sediar um megaevento ainda não tinha o peso que tem hoje, sendo um evento patrocinado por grandes corporações e empresas de marketing. O Brasil foi escolhido como anfitrião por unanimidade, não deixando lugar para nenhum outro país (BBC BRASIL, 2003).

O processo de candidatura para a Copa do Mundo de 2014 também não passou por grandes empecilhos, visto que desde o início a FIFA deixou bem claro que tinha a intenção de

escolher um país da América do Sul para sediar o megaevento. De início, os países que mostraram interesse em sediar o evento foram a Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Brasil, Chile e Argentina. Apesar disso, apenas se candidataram o Brasil, a Argentina e a Colômbia (BBC BRASIL, 2003).

A partir destas opções, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) votou e definiu o Brasil como único candidato a sede da Copa do Mundo de 2014. Ainda que isso praticamente colocasse o Brasil como sede, o país ainda tinha muito o que provar para a FIFA de que o país realmente tinha condições de se preparar para um evento desse porte. Por esse motivo, Joseph Blatter - presidente da FIFA na época - marcou uma reunião com o presidente Lula, a fim de que pudesse fazer uma visita ao Brasil para ver as condições dos estádios brasileiros, assim como das cidades que poderiam ser parte do projeto esportivo (O GLOBO, 2006).

A comitiva da Fifa inspecionou os estádios e todas as cidades que seriam potenciais sedes e comentou que os estádios teriam que ser reformados. Este foi um tópico já comentado por Lula no ano anterior, que afirmou que os estádios passariam por uma reforma completa, de forma a se adaptar ao padrão exigido. O Ministro do Esporte de então, Orlando Silva, também fez questão de deixar claro que o Brasil faria de tudo para sediar a Copa e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) garantiu que a construção e reforma dos estádios seria feita pela iniciativa privada, ou seja, houve uma grande mobilização para convencer o presidente da FIFA que o Brasil merecia essa chance (LAVINAS, 2007).

No final de 2007, o Brasil conseguiu ser efetivamente escolhido como a sede da Copa do Mundo de 2014. Nicolas Leóz, presidente da CONMEBOL da época, falou um pouco sobre a vitória brasileira: "Esse é um dia muito feliz para a América do Sul, e todos os dez representantes do comitê executivo deram o seu apoio para que o Brasil seja a sede da Copa do Mundo de 2014" (BBC BRASIL, 2003).

2.2.1.1 Preparação para a Copa e problemas enfrentados

Desde o anúncio da vitória brasileira oficial, o país já teve que começar a preparação para o megaevento esportivo, seguindo sempre o padrão FIFA exigido. No entanto, apesar de se creditar tanta confiança nos países-sede, os mesmos sempre enfrentam vários problemas durante o processo, pois é óbvio que esses eventos geram consequências que muitas vezes fogem ao contexto dos jogos em si. Há sempre uma grande preocupação com a infraestrutura que envolve a construção e reforma de estádios, mobilidade urbana, as redes hoteleiras, etc.

A dificuldade que assombra todas as sedes de megaeventos esportivos é a questão da infraestrutura, afinal, é um prazo de 7 anos para a construção e reforma de todos os estádios. O Brasil teve 12 estádios localizados nas seguintes cidades brasileiras: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Recife (BBC, 2014).

A meta era que o Brasil entregasse os estádios prontos até o dia 5 de janeiro de 2014, porém as obras atrasaram e isso se deve a fatores como problemas no financiamento e questões trabalhistas. O fato é que o governo e a iniciativa privada é que são responsáveis pelo financiamento da Copa e a dificuldade para a liberação dos empréstimos pedidos através do BNDES atrasaram todo o processo, levando em consideração que 11 dos 12 estádios dependem desses empréstimos (BBC, 2014).

A que se deve a questão trabalhista, há alguns direitos trabalhistas sendo violados, visto que muitos operários estão trabalhando nas obras sem qualquer tipo de segurança e expostos a acidentes, como o que ocorreu na arena Corinthians onde um guindaste caiu e matou dois operários. Muitas vezes acontecia de as obras ficarem paradas por muitos dias por causa do risco de desabamento ou por causa dos acidentes, a consequência disso tudo era a greve entre os trabalhadores, o que atrasava as obras mais ainda, então para resolver tal problema, tiveram que contratar presidiários, haitianos e egressos do trabalho escravo (BBC, 2014).

Infelizmente ainda existe aquele típico problema enfrentado por todas as cidades-sede de grandes eventos esportivos: a retirada e deslocamento de moradores em locais de construção. O que acontece é que a indenização recebida por eles é muito baixa para o esforço que fazem para deixarem suas casas (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2012).

O impacto ambiental é outro ponto a ser enfrentado. Embora o Brasil não vá destruir nenhuma área florestal, como na Rússia, ainda será responsável por lançar dióxido de carbono na atmosfera, principalmente por causa do grande tráfego aéreo durante o evento. Além disso, por causa das construções aumentou a poluição do solo, mar e ar (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2012).

A insatisfação popular por um país como o Brasil que vê tanta desigualdade social se dedicar na construção de estádios luxuosos revoltou o povo, pois as pessoas veem maior necessidade de um investimento direcionado à área da saúde e educação. Isso fica claro na pesquisa feita pela Data Folha⁷, onde apenas 3 meses antes da realização do evento a taxa de

⁷ DATA FOLHA. Cai apoio dos brasileiros à realização da Copa do Mundo no país. Folha de São Paulo, 08/04/2014. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/04/1437519-cai-apoio-dos-brasileiros-a-realizacao-da-copa-do-mundo-no-pais.shtml>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

aprovação está apenas em 48%, muito inferior à pesquisa feita 1 ano depois da vitória da candidatura brasileira, que tinha a aprovação de 79% dos brasileiros. Isso se deve muito ao fato de que os brasileiros não veem a possibilidade do evento trazer mais benefícios do que prejuízos. A insatisfação dos brasileiros resultou diversos protestos no país que ocorreram principalmente durante a Copa dos Confederações em 2013.

A questão é que a Copa do Mundo custou mesmo muito caro, totalizando um pouco mais de 27 bilhões de reais como pode ser visto na tabela 4, onde são apresentados os gastos com cada um dos temas e o número de ações aplicadas.

Tabela 4 - Previsão de Aplicação de Recursos Copa do Mundo de 2014

Tema	Número de Ações	Total Previsto
Aeroportos	30	6.280.560.000
Centros de Treinamento	20	0
Comunicação	1	6.600.000
Desenvolvimento Turístico	88	172.208.339
Estádios'	12	8.383.606.000
Instalações Complementares (Copa do Mundo)	12	578.100.000
Instalações Complementares (Copa das Confederações)	6	200.100.000
Mobilidade Urbana	44	8.727.712.473
Outros	9	51.488.497
Portos	6	597.700.000

Segurança Pública	42	1.797.751.645
Telecomunicações	73	550.313.103
Valor Total	343	27.346.140.056

Fonte: Portal da Transparência da Controladoria-Geral da União (CGU). Disponível em: <<http://transparencia.gov.br/copa2014/empreendimentos/investimentos.seam?menu=2&assunto=tema>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

Além de ter ficado muito caro, ainda existem suspeitas de corrupção relativos a pagamentos ilegais relacionados às obras. A previsão é de que a corrupção rendeu cerca de R\$ 120,9 milhões para os criminosos. Jonas Lopes, presidente do Tribunal de Contas do Estado do Rio, também foi acusado de receber R\$ 1 milhão para aprovar edital de concessão do Maracanã, assim como Eduardo Braga, acusado de receber 10% do valor da obra. Enfim, houveram vários casos de suspeitas de receber dinheiro direcionado para a realização da Copa (LEITE, 2017).

Além disso, o Brasil tem altos índices de violência, e isso se tornou uma grande preocupação sobre como agir para evitar problemas durante o evento, até porque um dos objetivos dos megaeventos é apresentar para o mundo um país civilizado e seguro. Para realizar tal meta, o Brasil investiu fortemente na questão de segurança, dispondo R\$ 2 bilhões para realizar um sistema de segurança efetivo que conta com 180 mil homens (PASSARINHO, 2014).

Além disso, o esquema conta com parceria com a Abin (Agência Brasileira de Inteligência), Forças Armadas, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal juntamente com policiais militares e civis. 30 mil soldados foram contratados para ficarem prontos para atuar em situações de emergência em torno dos estádios. A vigilância aconteceu também nos hotéis e centros de treinamento das seleções (PASSARINHO, 2014).

Passados os problemas da preparação chegou o momento de executar todas as ações. A Copa do Mundo de 2014 começou no dia 12 de Junho e terminou no dia 13 de Julho. Foi um período de muita festa no Brasil, afinal o maior evento esportivo de futebol estava na terra dos apaixonados pelo esporte.

A recepção foi muito elogiada pelos estrangeiros, os hotéis funcionaram, as caravanas de torcedores da América do Sul encontraram lugares para estacionar, as organizações de entretenimento funcionaram muito bem para os torcedores que foram assistir aos jogos em

festas organizadas pela Fifa. Nem as longas filas para entrar nos estádios desanimaram o público, mas alguns acontecimentos causaram repercussões negativas, como as manifestações e os protestos, visto que duas jornalistas americanas foram atingidas por bombas de efeito moral. Em São Paulo, um jornalista argentino morreu durante uma perseguição policial e uma jornalista argentina morreu de acidente em Minas Gerais. Em Belo Horizonte teve um caso que se tornou uma grande polêmica, que foi a queda de um viaduto construído justamente para a Copa (D'AGOSTINO, 2014).

Um dos legados da Copa foi o Centro de Treinamento da Alemanha no sul da Bahia, vencedora da Copa de 2014, que deixou o centro para o país. Havia rumores de que o centro viraria uma escola para crianças carentes, mas na verdade virou um resort luxuoso com diárias de R\$ 7.500. Acabou não virando um projeto convertido para a população (ALVES, 2015).

Além do legado de mobilidade urbana para várias cidades, foi constatado que o turismo foi responsável por movimentar R\$ 1 bilhão só em São Paulo, foram mais de 17,8 milhões de torcedores no aeroporto e mais de 6.250 nos portos (BRASIL, 2015). Segundo a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), houve uma injeção de R\$ bilhões na economia do país devido principalmente à Copa do Mundo (ROLLI; FRAGA, 2014).

Já o legado a respeito dos estádios é um problema, pois embora o Brasil tenha jogos constantes em vários campeonatos ao redor do país, muitos deles se tornaram “elefantes brancos”⁸, pois foram construídos em lugares que não possuem um time ou uma Liga Nacional (BUARQUE, 2015).

2.2.2 Processo de Candidatura das Olimpíadas de 2016

O desejo de sediar as Olimpíadas de Verão já é um sonho antigo do Brasil, visto que já havia se candidatado para as Olimpíadas de 2004 e de 2012. Sendo assim, a candidatura de 2016 representa a terceira tentativa do Brasil. Percebendo que deveria trabalhar mais duro para convencer o COI, o Brasil apostou nos Jogos Pan-americanos de 2007. O evento teve muitos custos, como já era de se esperar, mas foi considerado um sucesso e uma boa estratégia para a candidatura (DAMO; OLIVEN 2013).

A candidatura do Rio de Janeiro foi feita em setembro de 2007 e competia com Chicago, Tóquio e Madri. A primeira etapa do processo de candidatura foi em fevereiro de 2009 e contou com um questionário que serviria de subsídio ao comitê executivo do COI, que visitaria as

⁸ Elefantes brancos se referem ao termo que se dá quando os estádios construídos para Copas e Olimpíadas ficam sem utilização, gerando mais despesa do que já se gastou para construí-los e não gerando nenhum tipo de renda.

cidades candidatas. Um diferencial que o Rio de Janeiro teve em relação às outras cidades candidatas foi o fato de ter entregado o dossiê pessoalmente através do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o governador do estado do Rio e o prefeito da cidade. No momento pode não ter significado muito, mas em retrospectiva a estratégia brasileira conseguiu mobilizar os membros do COI, pois mostrou o empenho brasileiro (DAMO; OLIVEN 2013).

Para se preparar para a candidatura os custos foram muito altos, chegando a US\$ 85,7 milhões, gastos estes vindos principalmente de cofres públicos, do governo federal. O Brasil contratou profissionais renomados para organizarem as partes principais da candidatura, como por exemplo os discursos e as apresentações ao COI (DAMO; OLIVEN 2013).

Outro fator que contribuiu na realização do objetivo foi o fato do prefeito e do governador do Rio serem do mesmo partido, pois isso permitiu uma maior sintonia das ações, além de constituir um objetivo comum dos dois, ou seja, a harmonia e a unidade governamental em todas as esferas permitiu maior eficiência no plano de ação. O presidente Lula também concentrou seus esforços junto ao governador, pois além do grande desejo de tornar o Brasil a sede, ainda havia um interesse eleitoral por trás de tudo, já que a vitória do Brasil daria mais força para a candidata apoiada por Lula, Dilma Rousseff (DAMO; OLIVEN 2013).

Os Jogos Pan-Americanos em 2007 serviram como forma de argumento na candidatura brasileira, pois foi onde o Brasil começou a provar que é capaz de organizar um megaevento. No entanto, esse não foi o único argumento utilizado com relação ao Jogos Pan-Americanos, pois além da opinião internacional, o governo tinha que conquistar a opinião pública, ou seja, os Jogos de 2007 serviram para entusiasmar e incentivar os brasileiros a apoiarem o projeto ‘Rio 2016’, algo que não foi muito difícil em um país apaixonado por esporte (GARCIA et al, 2011).

A cerimônia de anúncio da cidade vencedora foi no dia 2 de outubro de 2009 em Copenhague, na Dinamarca. O clima era de grande expectativa, onde as emissoras de TV pararam sua programação normal para transmitir a cerimônia e foram colocados telões na Praia de Copacabana para que as pessoas pudessem acompanhar tudo. Na cerimônia, o Brasil estava representado por dirigentes esportivos, políticos, jornalistas, esportistas. Figuras como a de Lula e Pelé se destacavam, assim como a do escritor Paulo Coelho (DAMO; OLIVEN 2013).

O Brasil tinha recebido as piores notas na fase final, então teria que fazer uma última apresentação brilhante para os membros do COI. A apresentação é feita sem a presença dos representantes das outras cidades e há um tempo limite. Geralmente a definição da cidade-sede precisa de um segundo turno, pois costuma ter placar apertado (DAMO; OLIVEN 2013).

O discurso final do Brasil foi feito pelo presidente Lula. Ele buscou desde o início da sua fala estabelecer um vínculo entre os valores olímpicos e o povo brasileiro, destacando uma marca brasileira reconhecida mundialmente, a diversidade étnica. Ele reitera também o desejo do Brasil de sediar as Olimpíadas (DAMO; OLIVEN 2013):

Digo com toda a franqueza: chegou a nossa hora! Entre as dez maiores economias do mundo, o Brasil é o único país que não sediou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Entre os países que disputam hoje a indicação, somos os únicos que nunca tiveram essa honra. Para os outros será apenas mais uma Olimpíada, para nós, uma oportunidade sem igual. Aumentará a autoestima, consolidará conquistas recentes, estimulará avanços (DAMO; OLIVEN 2013).

Lula inclui em seu discurso também a América do Sul, falando que a candidatura é do continente todo, pois o continente nunca sediou as Olimpíadas e isto deve ser corrigido. O presidente elogia o COI, dando ênfase na questão da importância de se levar um evento desse porte para a América do Sul, fala das belezas do Rio e da hospitalidade dos brasileiros, além de garantir que o Brasil tem condições financeiras para sustentar o evento - argumento sustentado pela presença do presidente do Banco do Brasil na cerimônia - e apresentando um pouco da conjuntura atual do país (DAMO; OLIVEN 2013).

Depois do discurso de Lula, o Brasil usou o tempo que restava na apresentação de um vídeo chamado “A paixão nos une”, dirigido pelo cineasta Fernando Meirelles (MEIRELLES, 2009). O vídeo mostra as delegações de diversos países chegando para as Olimpíadas e sendo muito bem recebidos pelos brasileiros, destaca as belezas do Rio de Janeiro e fala basicamente na forma como o Rio vai unir o mundo inteiro através da paixão pelo esporte. No final, todos vão caminhando para a praia, onde juntos formam os cinco anéis que formam o símbolo olímpico, que pode ser visto junto ao mar e à cidade do Rio de Janeiro. Assim se encerra a apresentação brasileira (DAMO; OLIVEN 2013).

O vídeo foi muito elogiado justamente por ter ido por uma direção completamente diferente daquela que as outras cidades candidatas foram. Se por um lado Chicago, Madri e Tóquio mostraram o que as Olimpíadas poderiam fazer pelos habitantes e pela cidade, o Brasil apelou por um lado mais humano, mostrando a interação do povo brasileiro com os Jogos e as pessoas de outras nações (DAMO; OLIVEN 2013).

A votação seguiria o seguinte protocolo: caso nenhuma candidata obtenha mais de 50% dos votos, seria eliminada aquele que teve menos votos. Depois haveria outra votação, seguindo o protocolo explicado, até que houvesse uma vencedora. Como nenhuma cidade conseguiu mais de 50% dos votos, houve uma eliminação. A primeira cidade eliminada foi Chicago, na próxima

votação foi Tóquio. Ficou então Madri e Rio. Na hora de revelar o resultado final, o presidente do COI anunciou o Rio como vencedor (DAMO; OLIVEN 2013).

Quando foi feito o anúncio, foi possível ver a alegria de muitos brasileiros através das comemorações em Copacabana, onde havia telões transmitindo a cerimônia. Diante dos discursos proferidos pelo presidente Lula e toda a expectativa criada nesta candidatura, o povo brasileiro comemorava porque entendia a importância de tal conquista, entendia que significava que o Brasil finalmente estaria no novo mapa do mundo, como foi dito pelo presidente Lula (GARCIA et al, 2011):

Do fundo do coração, hoje é o dia, talvez, mais emocionante da minha vida (...) senti muito mais orgulho de ser brasileiro do que eu já sentia (...). Eu, na verdade, não ganhei do Obama: foi o Rio de Janeiro que ganhou de Chicago, de Madrid, de Tóquio (...). O Brasil saiu do patamar de país de segunda classe e entrou no patamar de país de primeira classe. Eu acho que hoje o Brasil conquistou sua cidadania internacional (GARCIA et al, 2011).

Tal afirmação obviamente coloca a conquista do Brasil como sede como um instrumento não só de reconhecimento do país como também de uma ferramenta capaz de elevar o poder do país, dando a impressão de que ele passou da categoria de país periférico para se tornar uma “potência emergente”. Indiscutivelmente, é um feito inédito para a América do Sul (GARCIA et al, 2011).

2.2.2.1 Preparação para os Jogos e problemas enfrentados

De forma geral, os problemas das Olimpíadas não se diferem muito daqueles enfrentados durante a preparação da Copa do Mundo, pois ainda têm muito a ver com o compromisso dos prazos colocados pelo COI, a infraestrutura, a segurança, direitos humanos, insatisfação popular, problemas ambientais, corte de orçamento. As diferenças se dão mais no contexto dos esportes e do megaevento em si e no fato de que todas as atividades são concentradas em uma cidade só.

Faltando poucos meses para o evento, o Brasil ainda tinha muitas obras atrasadas por causa de greves de operários e má administração do projeto pelas empresas, como o Centro de Tênis do Parque Olímpico, o Centro de Hipismo, o velódromo e o estádio de Remo (ARAÚJO, 2016). Dentro do Parque Olímpico a preocupação gira em torno do fornecimento de energia elétrica para todas as áreas de competição e o custo de uma companhia para fornecer energia temporária chega a R\$ 170 milhões (ARAÚJO, 2016).

Um problema que houve nas Olimpíadas foi a dificuldade de se encontrar voluntários. Apenas 3 mil vagas foram preenchidas quando ainda havia 9 mil a se preencher. A campanha

para atrair voluntários pedia pessoas com habilidades em dança, acrobacia, skate, patinação, entre outras (ARAUJO, 2016).

Uma questão de segurança pública que causou muita preocupação no mundo foi o Zika vírus, doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, que teve alta incidência na época das Olimpíadas. Para acalmar tanto os turistas que viriam para a Copa, como também os próprios brasileiros, o Ministro da Saúde, Ricardo Barros, falou um pouco sobre o vírus e sobre as medidas que o Brasil está tomando para remediar e prevenir a incidência do mesmo. Segundo ele, o país aplicará R\$ 64,5 milhões para fortalecer e deixar os hospitais locais preparados. Tem sido feito também um trabalho de fiscalização, onde 80% dos imóveis do Rio de Janeiro já participaram da mesma, além da aplicação de inseticidas (BBC, 2016).

Além disso segundo o ministro, o zika vírus tem tido uma queda na sua incidência, já que no Rio diminuiu de 2.116 casos para 208. Mesmo assim, a polêmica atingiu a imprensa internacional, onde especialistas de universidades renomadas como Harvard, Yale e Oxford pediram que a OMS (Organização Mundial da Saúde) interviesse nos Jogos e os transferisse para outro país. No entanto, a OMS não acatou o pedido. A maior argumentação dos especialistas era que o Brasil não tinha um sistema de saúde estruturado o suficiente para lidar com esse problema durante o megaevento, o que já demonstra tamanha desconfiança com o país (PUFF, 2016).

Apesar de toda a preocupação, não teve nenhum caso registrado de problemas com o zika vírus durante as Olimpíadas, constatando sucesso por parte das medidas tomadas pelo Brasil para amenizar a incidência do vírus (PUFF, 2016).

Além da segurança pública, o Brasil teve que implementar medidas de segurança contra o terrorismo por causa do alto índice de ataques no mundo, como operações antiterrorismo que chegou a prender dez pessoas que pareciam ter envolvimento com o grupo extremista. As ameaças do Estado Islâmico causaram apreensão, apesar de não terem se concretizado no final das contas (PUFF, 2016).

Se tratando da questão ambiental, o que preocupava o Brasil era a situação da Baía Guanabara que seria local de provas das Olimpíadas que tem suas águas contaminadas com altos níveis de vírus e bactéria, como analisado pela *Associated Press* (AP)⁹, oferecendo risco de doenças para os 1.400 atletas que iriam competir no local. A meta era que houvesse uma despoluição pelo menos em 80%, mas isso não foi atingido. A sorte foi que as provas foram

⁹ A *Associated Press* é uma agência de notícias que recebe contribuições de jornais, rádios e da tv norte-americana (AP, 2017).

disputadas em locais onde há troca de água com o oceano, não sendo tão perigoso quanto as outras partes dela. A Lagoa Rodrigo de Freitas passou por vários processos de limpeza nos últimos anos e foi confirmada como segura para os atletas, embora a AP tenha afirmado que ainda assim as águas da Lagoa são muito poluídas (ASSOCIATED PRESS, 2015).

O que o Brasil tentou fazer nesse sentido foi melhorar as redes de saneamento e tratamento, bem como os serviços de coleta de lixo como um todo. O que complica é o do problema ser capaz de ser resolvido apenas à longo prazo. O governo buscou aumentar a porcentagem de esgoto tratado que vai direto para a baía de 11% para 50%, mas especialistas disseram que não chegou nem em 20%. O grande trabalho a respeito da poluição foi direcionado para a Marina da Glória que era onde os atletas teriam total contato com a água. Sendo assim, a água era monitorada todos os dias e foram instaladas ecobarreiras para controlar o lixo flutuante (BORTOLOTTI, 2016).

Este foi um problema que o Brasil não conseguiu resolver, passando uma imagem internacional ruim, mas de forma geral não se tornou um empecilho para que as competições nos locais ocorressem.

Passado o processo de preparação, as Olimpíadas se iniciaram no dia 5 de Agosto de 2016 e terminaram no dia 21 de Agosto de 2016. O clima era bastante parecido com o da Copa do Mundo, o mundo se voltava novamente para o Brasil e era hora de provar que o país conseguiria se superar novamente. Foram mais de 500 mil turistas, 11 mil atletas, 45 comitivas de chefes de Estados e 30 mil jornalistas credenciados (BBC, 2016).

A abertura das Olimpíadas era um momento muito esperado por todos e surpreendeu não só a Imprensa Internacional como também os próprios brasileiros. Foi construída mostrando a história e a cultura do país para o mundo inteiro. Falando do início do evento em si, todas as obras foram entregues a tempo, os turistas puderam participar de atrações do Boulevard Olímpico, a cidade estava limpa (FRANÇA; SILVEIRA, 2016).

Logo no início dos Jogos já houve reclamações a respeito da Vila dos Atletas, que foi classificada pelos australianos como “inabitável”, pois haviam vazamentos no encanamento de alguns quartos além de problemas elétricos. Os chineses já vinham criticando o evento bem antes dele começar, mencionando problemas como violência e o zika vírus, e também criticaram a Vila (BBC, 2016).

Um imprevisto foi a mudança de cor de uma piscina no Estádio Aquático que estava completamente verde. A situação foi justificada com sendo uma falha no sistema de tratamento da água (FRANÇA; SILVEIRA, 2016).

Já os turistas reclamaram da quantidade de pessoas dentro de um mesmo meio de transporte, seja no ônibus ou nos trens (BBC, 2016).

O Brasil também teve que passar por uma polêmica durante os Jogos, que foi o caso Ryan Lochte, atleta dos Estados Unidos que inventou que havia sido assaltado junto com colegas da equipe quando voltavam para a Vila Olímpica. A polícia investigou e encontrou evidências de que ele estava mentindo e que ele que provocou confusão em um posto de gasolina. O atleta pediu desculpas ao Brasil e teve que pagar uma multa de R\$ 35 mil (FRANÇA; SILVEIRA, 2016).

O preço final das Olimpíadas ficou em R\$ 39,1 bilhões, que incluem as obras necessárias para o país realizar o evento (ficou em R\$ 7,07 bilhões), as iniciativas para se criar um legado após a competição (ficou em R\$24,6 bilhões) e o orçamento do comitê organizador Rio-2016 (R\$ 7,4 bilhões). Segundo a APO (Autoridade Pública Olímpica), 60% dos recursos serão pagos pela iniciativa privada (UOL, 2016).

Além desses gastos, ainda existe aquele relacionado com a corrupção. O Brasil vem sendo acusado de ter comprado sua posição como sede nas Olimpíadas de 2016, como a Rússia e o Qatar estão sendo investigados. Os principais suspeitos de estar envolvido nesse esquema de corrupção do Brasil até então é o presidente do Comitê Olímpicos Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, e o empresário Arthur César Soares Filho, que subornaram membros africanos com US\$ 2 milhões (R\$ 6,5 milhões). O empresário tem como grande amigo Sergio Cabral, ex-governador do Rio, que foi preso por corrupção e estava presente ao lado de Lula no dia da vitória brasileira em Copenhague (CARTA CAPITAL, 2017; NETTO, 2017).

2.3 Impacto Internacional

Desde que o Brasil foi anunciado como sede da Copa e das Olimpíadas, o mundo já começou a esperar megaeventos catastróficos e desastrosos. Por isso, nos dias de início dos eventos tanto da Copa quando das Olimpíadas a imprensa já começou a opinar sobre os eventos. Com relação à abertura das Olimpíadas, jornais como o “*Washington Post*”, o “*The New York Times*”, dentre outros falaram que foi uma cerimônia animada onde o Rio faz o que sabe fazer de melhor: festa. O “*The Guardian*” destacou o contraste com as outras aberturas, falando que o Brasil mencionou a questão preocupante globalmente do meio ambiente, enquanto China e Londres demonstraram poder. O jorna “*El País*” falou sobre a crise brasileira que foi deixada de lado para a comemoração. O “*Le Figaro*” fala que o “Maracanã se tornou o centro do mundo” (G1, 2016b).

Com o fim das Olimpíadas no Rio, a mídia americana já começou a divulgar suas opiniões a respeito dos Jogos. A imprensa elogiou muito a organização, o calor e a recepção do povo brasileiro e concluiu dizendo que os Jogos serviram para que os EUA pudessem mudar a percepção sobre o país, já que antes do início dos Jogos a mídia americana estava muito pessimista, esperando um desempenho muito fraco do evento (ROMILDO, 2016).

O *The New York Times* destacou também a expectativa negativa do evento pelos próprios brasileiros que acabou se transformando em um triunfo necessário para a distração dos problemas políticos e econômicos do país, ou seja, foi substituído por um sentimento comum de que as dificuldades seriam superadas. Além disso, o jornal também menciona os altos gastos para o evento, apesar de ainda falarem que isso poderá ter consequências positivas ao melhorar a paisagem do Rio e dando oportunidades para novos projetos de mobilidade urbana. Ademais, o *The Guardian* destacou o último dia do evento que foi recheado de medalhas de ouro para o Brasil (ROMILDO, 2016).

O jornal argentino, “*Clarín*” destacou a conquista do continente falando que o “Rio encerrou os primeiros Jogos da América do Sul com uma festa histórica”. O “*Mundo Deportivo*” espanhol falou da “presença forte dos atletas na cerimônia de encerramento e os jogos de luz, de música e os fogos de artifício” (ESPN, 2016a).

Já com relação à Copa, a jornalista chinesa Li Xuemei, da *Shanghai Radio and Television*, disse que “o Rio de Janeiro é muito bonito e todas as pessoas são muito gentis”. Para ela, os fãs são o principal aspecto desta Copa. Eles expressam seus sentimentos com o coração. Isso anima e deixa a todos felizes”. Ela ainda elogiou a organização da Copa (BRASIL, 2014).

O argentino Carlos Martin Barranz do site *Pasion Libertadores* disse que para ele a Copa do Brasil é a melhor Copa que já foi feita. E ainda diz: “Acho que o melhor desta Copa é toda essa torcida. São muitas cores. Além da torcida brasileira, vi muitos chilenos, muitos mexicanos. Todos eles vieram ao Rio de Janeiro, o lugar mais lindo” (BRASIL, 2014).

O jornalista uruguaio Leonardo Goyen, do Jornal *La Tribuna* disse: “Tive uma ótima impressão do Brasil. Já a Copa, é uma boa Copa, pelo espetáculo que está proporcionando, principalmente os gols. Se fosse para colocar numa escala, a organização da copa no Brasil está melhor que a da África do Sul”. Para ele, o que torna tudo tão bom é o fanatismo do povo brasileiro (BRASIL, 2014).

O prestigiado *The New York Times* destacou a qualidade do campeonato, os estádios brasileiros e a condição dos gramados. O jornalista do *The Guardian* ficou impressionado com a paixão do Brasil pelo futebol: “O fanatismo pela Seleção é extraordinário. Todos,

independentemente da idade, sexo ou profissão, estão vestindo amarelo ou verde e estão reunidos por sua paixão para a equipe nacional” (BRASIL, 2014).

3. BRASIL E RÚSSIA: UMA ANÁLISE

Nos últimos anos houve uma preponderância de países emergentes sediando megaeventos esportivos, e os grandes protagonistas de utilização desse instrumento foram Brasil e Rússia que sediaram recentemente os maiores eventos esportivos do mundo. É difícil dizer se a iniciativa partiu dos BRICS como um todo ou se cada país percebeu os megaeventos como forma de projeção internacional e regional de forma individual e agiu de acordo com seus interesses, visto que a China e a África do Sul também utilizaram essa estratégia.

Neste capítulo serão abordadas os dois países levando em consideração o desejo de sediar megaeventos esportivos; a posição internacional dos mesmos; projeção regional; o processo de candidatura; a preparação e problemas enfrentados em cada um dos eventos; e o impacto internacional.

Quando se trata do desejo de sediar um megaevento esportivo, o objetivo dos dois países é bem parecido: projeção internacional e regional, melhora da imagem e maior uso do *soft power*. No entanto, cada país possui seu próprio contexto histórico, suas características e interesses nacionais que podem resultar em diferentes ações e comportamentos para a realização dos mesmos objetivos. Como exemplo disso, a Rússia é muito mais incisiva e ambiciosa em seus projetos de projeção internacional, já o Brasil busca a projeção de forma bem mais discreta e sutil levando sempre para um lado mais diplomático, pois o país ainda não tem condições para atuar de forma impositiva, ainda não tem a margem de manobra que a Rússia tem.

Não se pode negar que as posições dos dois países se diferem no cenário internacional, pois apesar da queda da URSS ter destruído muito do poder que a Rússia tinha, ainda assim o país participa e interfere em muitas questões de importância global, ou seja, ela já experimentou o que é ser uma superpotência mundial, enquanto o Brasil se dirige mais para uma potência regional.

Falando a respeito da questão regional, a Rússia atua de forma bastante impositiva quando se trata de seus vizinhos, afinal, é uma área conflituosa. O país ainda se utiliza muito do *hard power* principalmente quando precisa de estabilizar a região. Além disso, possui o projeto ambicioso de criar a União Eurasiática, ação que caso seja realizada dará bastante poder para a Rússia sob a região.

O Brasil já é uma possível potência regional que, apesar de buscar uma maior participação internacional, nunca conseguiu ir muito longe. É um país com muitos recursos naturais, enorme população, um vasto território, mas que encontra dificuldades em gerenciar tudo isso em direção ao crescimento próprio. Apesar de muitas vezes ser colocado como o líder

da região, mesmo que de forma implícita, não existe uma articulação para se impor da forma como a Rússia se impõe, por exemplo. O Brasil é extremamente diplomático, e isso muitas vezes faz com que o país não seja tão ameaçador e perca a oportunidade de realizar os interesses nacionais e as ambições internacionais.

Contudo, os megaeventos esportivos tiveram mais efeitos positivos na região para o Brasil do que para a Rússia, pois o fato de a América do Sul ter recebido a primeira Olimpíada no Brasil foi algo muito simbólico e significativo, considerando que foi uma conquista comemorada por todo o continente. Já a Rússia passou por boicotes de ucranianos, por exemplo, teve que estabilizar conflitos na região, então acabou não sendo uma situação muito proveitosa para o país.

Quanto às candidaturas, as estratégias utilizadas pelos dois países foram muito parecidas, visto que tanto Putin quanto Lula buscaram ser muito presentes durante todo o processo, onde discursaram, foram nos eventos do COI, ou seja, os dois líderes queriam demonstrar o desejo do país e o compromisso de receber um evento de tal porte.

Ao comparar a organização dos Jogos Olímpicos dos dois países, é claro que de um lado vimos uma Rússia disposta a gastar 164 bilhões de reais, enquanto no Brasil os custos foram de R\$ 39.1 bilhões. Ao olhar para os números pode não parecer uma diferença tão grande, mas ao analisar a situação financeira brasileira sabe-se que é um país que está passando por uma crise econômica, apesar de 60% desses gastos terem sido da iniciativa privada. No entanto, é importante levar em consideração também que a Olimpíada de Verão é muito maior, mais custosa e abrange muito mais pessoas do que os Jogos de Inverno. Ainda assim, a Rússia investiu fortemente no evento, mostrando definitivamente sua capacidade financeira.

Em relação à Copa do Mundo em si, é importante mencionar que no caso da Rússia o futebol não é uma paixão nacional como no caso do Brasil. A Rússia não tem um time forte para a Copa de 2018 nem costume de acompanhar o esporte, então o evento é muito mais um atrativo para as torcidas de outros países do que para os russos, mas pode servir para que o esporte cresça no país. Já na Copa de 2014, a seleção brasileira era um dos destaques do evento e o amor ao esporte contribuiu para a lotação dos estádios.

Quanto aos problemas enfrentados, o Brasil e a Rússia tiveram que lidar com questões que fugiam de seu controle: o zika vírus no Brasil e os conflitos na região, ameaças terroristas na Rússia. O Brasil tomou medidas de precaução e buscou tranquilizar o mundo, porém o vírus já tinha diminuído muito a sua ocorrência. Já a Rússia enfrentava dificuldades que realmente poderiam acabar com os Jogos e ainda resultar em uma imagem mais negativa ainda do país, pois eram questões muito graves de segurança em uma área conflituosa, além de ameaças

terroristas em locais que já ocorreram ataques. Ou seja, eram problemas que poderiam facilmente sair do seu controle e estragar a festa. Independente disso, os dois países tomaram as precauções necessárias e contornaram as dificuldades.

No final do evento, a imprensa internacional deixou sua opinião, e em sua grande maioria foram muito favoráveis aos megaeventos. Se no início apostavam que iriam dar tudo errado, no final se surpreenderam com a qualidade do evento. O único ponto que contrariou muito os países foi o fato da Rússia ter decidido invadir bases ucranianas na Crimeia, prejudicando um pouco toda a campanha de melhoria da imagem durante os Jogos. Do ponto de vista do impacto internacional do Brasil, os megaeventos tiveram efeitos positivos nos outros países, todos elogiaram muito a organização, adoraram o país, as pessoas. Sendo assim, os imprevistos não atrapalharam o desenvolvimento da competição.

Enfim, foi possível perceber que por mais que os megaeventos sirvam como instrumento de política externa, um deslize pode neutralizar o investimento de melhoria da imagem do país e como atrativo. Além disso, é importante mencionar também que apesar dos objetivos serem parecidos, não existe uma fórmula exata para alcançá-los, visto que cada país possui uma identidade e problemas que se diferem.

Os dois países foram muito criticados desde a vitória da candidatura até o último dia de evento, e havia uma expectativa muito grande de que os dois iriam fracassar naquilo que se propuseram a fazer. Ambos enfrentaram diversos problemas durante o processo de preparação para o evento, mas conseguiram superar as expectativas e mostraram que são capazes de assumir responsabilidades dignas de ‘superpotências’. Os imprevistos existem, e mesmo os países desenvolvidos passam por dificuldades ao preparar um grande evento, então isso não é exclusividade dos países emergentes.

4. CONCLUSÃO

A partir do estudo de cada um dos países no contexto dos megaeventos esportivos pode-se aferir que não é fácil organizar um megaevento esportivo. Os problemas são inúmeros, os custos são muito altos e caso não seja bem gerenciado pode levar para o país uma imagem muito negativa. No entanto, caso seja feita com compromisso e empenho pode ser de fato uma “vitrine” para os países, não servindo instantaneamente para o colocar dentro da lista de países mais poderosos, mas para deixar o cartão de visitas e mostrar que futuramente isso pode acontecer. A impressão que se tem é que a partir do momento que um país é definido como sede ele instantaneamente se torna o palco do mundo e um instrumento poderoso de *soft power*. Foram os casos de Brasil e Rússia, que buscaram os megaeventos esportivos para atingirem seus objetivos nacionais e internacionais.

Apesar de alguns aspectos negativos, como alguns hotéis interminados, as Olimpíadas de Inverno na Rússia foram vistas de forma bastante positiva quando se analisa o evento. O transporte na cidade funcionou muito bem, a cidade estava bonita, e a questão da segurança foi tratada com muito cuidado pela Rússia, que conseguiu oferecer um evento muito seguro. Desta forma, partindo do pressuposto de que Putin queria mostrar uma Rússia civilizada, capaz e poderosa, o presidente foi então bem-sucedido, até porque além de ser um evento muito caro, era também um projeto muito ambicioso, indicativo de que a Rússia é capaz de qualquer coisa. Outro fato que comprova a boa atuação da Rússia para sediar megaeventos esportivos foi justamente o fato de ter sido escolhida como sede da Copa do Mundo de 2018.

É importante mencionar que a Rússia não tinha que lidar somente com o megaevento esportivo, mas também com os conflitos que a cercava, e tudo isso quando a atenção internacional estava direcionada ao país. Por isso, à medida que o evento buscava melhorar a imagem do país, Putin reagia aos conflitos de forma violenta e imponente, algo que não agradava os países ocidentais. Era o país usando o *soft power* e o *hard power* ao mesmo tempo e não conseguindo equilibrá-los, pois a intervenção à Ucrânia acabou anulando alguns dos esforços propostos pelos Jogos Olímpicos de tornar a Rússia um país mais atrativo mundialmente. É claro que a atitude russa relativa ao conflito tem muito a ver com apresentar uma Rússia forte e poderosa que se envolve nas questões que abrangem sua região, mas partindo do pressuposto de que a atitude não foi vista de forma positiva é possível compreender que não foi uma boa decisão para aquele momento específico.

Em relação ao aspecto regional, apesar de atuar como um mediador na região a Rússia tem muita dificuldade de unir todos os Estados da CEI em direção a cumprirem um mesmo

objetivo - ou os objetivos russos -, como a União Eurasiática. É uma área muito instável e muito cheia de conflitos, o que a obriga tomar atitudes que muitas vezes não convergem com aquilo que o ocidente ou as organizações mundiais, como a ONU (Organização das Nações Unidas), preconizam. Então pode até ser que entre todos os países a Rússia se destaque, mas ainda assim não consegue promover grandes projetos de desenvolvimento e crescimento para a região. É por isso que a Rússia é mais citada como “superpotência emergente” do que como uma potência regional, ou seja, ainda não tem condições de aspirar ser uma hegemonia, mas pode ter condições políticas, econômicas ou militares de aspirar novamente sua posição de superpotência no futuro.

Já no caso do Brasil, antes mesmo do início dos Jogos já carregava uma imagem muito ruim. O *The New York Times* citava que os Jogos seriam um grande desastre (BBC, 2016). Toda a imprensa estava com os olhos virados para o país observando todos os passos do anfitrião, todos esperavam uma Olimpíada desorganizada e inferior às outras, visto que o país estava enfrentando uma grande crise política e econômica e havia grande preocupação ao se tratar do zika vírus, a violência e o terrorismo. No entanto, de forma geral o Brasil conseguiu entregar um evento muito bem feito que agradou a todos, uma abertura que apesar de muito barata, foi muito bem construída e feita a partir de uma identidade muito brasileira.

No aspecto regional pode-se inferir que talvez a decisão do Brasil de se tornar candidato para receber megaeventos esportivos seja porque suas ambições e interesses internacionais também cresceram, assim como a importância desses eventos dentro das relações internacionais. Como dito por Spektor (2010), o Brasil é um candidato a ter *status* especial porque representa sua região e é capaz de coordenar a ordem naquela parte do mundo.

O enquadramento do Brasil como potência não é perfeito, mas é o país que melhor se encaixa na definição. O Brasil assume liderança em temas que combinam com seus interesses regionais e possui os requisitos materiais necessários para se tornar uma potência regional, apesar de parecer não querer arcar com os custos ou com problemas da região.

O fato de não ser reconhecido pelos seus vizinhos como potência regional pode ser um empecilho que limitará a capacidade brasileira de dominar a América do Sul. No entanto, pode-se dizer que as decisões e direções tomadas pelo presidente Lula e pelos formuladores de Política Externa foram importantes para que o Brasil adotasse um posicionamento mais forte na região, e para que fosse possível tornar a América do Sul palco dos maiores eventos esportivos do mundo.

Um fato comum é que esses dois países possuem experiência no assunto e ambos conseguiram converter o pessimismo internacional e fizeram os outros países se renderem ao

seu sucesso. O palco para o próximo megaevento esportivo está quase pronto e a Rússia corre atrás de todos os imprevistos para conseguir entregar tudo no prazo. Agora resta saber se ela conseguirá superar aquela que foi considerada a “Copa das Copas”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Uma política externa engajada: a diplomacia do governo Lula. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 47, n. 1, p. 162-184, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292004000100008&lng=en&nrm=iso> Acesso dia 22 de Novembro de 2017.

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI**. Ipea, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3042/1/Livro-O_renascimento_de_uma_pot%C3%Aancia-a_R%C3%BAssia_no_s%C3%A9culo_XXI> Acesso em 26 de Novembro de 2017.

ALVES, Marcos. **CT da Alemanha na Bahia vira resort com diária de R\$ 7 mil, suíte ‘Gotze’ e ‘apaga’ 7 a 1**. ESPN, 6 de Janeiro de 2015. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/472527_ct-da-alemanha-na-bahia-vira-resort-com-diarias-de-r-7-mil-suite-gotze-e-apaga-7-a-1> Acesso em 30 de Novembro de 2017.

ARAÚJO, Thiago. **Olimpíadas do Rio vivem enxurrada de problemas a 200 dias do início das competições**. Huff Post Brasil, 18 de Janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/01/18/olimpiadas-do-rio-vivem-enxurrada-de-problemas-a-200-dias-do-ini_a_21693371/> Acesso em 26 de Novembro de 2017

ASSOCIATED PRESS. **Poluição da Baía de Guanabara assusta especialistas e atletas para a Rio 2016**. Jornal Estado de São Paulo, 30 de Julho de 2015. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,poluicao-da-baia-de-guanabara-preocupa-para-a-rio-2016-,1734821>> Acesso em 27 de Novembro de 2017.

AP. **About us**. Disponível em: <<https://www.ap.org/about/>>. Acesso em 19 de Novembro de 2017.

BARBOSA, Rubens. **A política externa do governo Temer**. O Estado de São Paulo, 14 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-politica-externa-do-governo-temer,70001664323>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

BBC. **Por que os estádios para a Copa atrasaram?** São Paulo, 1 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/131230_estadios_copadomundorm> Acesso em 26 de Novembro de 2017.

BBC. **Rio 2016: Oito acertos e oito erros da Olimpíada**. Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37147226>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

BBC BRASIL. **Brasil vai ser candidato único a sede da Copa do Mundo de 2014**. 18 de Março de 2003. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2003/030318_copaebc.shtml> Acesso em 21 de Outubro de 2017

BORTOLOTTI, Marcelo. **Por que a Baía de Guanabara continua poluída nos Jogos Olímpicos?** Revista Época, 14 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/esporte/olimpiadas/noticia/2016/08/por-que-baia-de-guanabara-continua-poluída-nos-jogos-olimpicos.html>> Acesso em 28 de Novembro de 2017.

BRASIL. **Mídia internacional se rende ao sucesso da Copa no Brasil.** Esporte, 7 de Julho de 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/07/especial-midia-internacional-se-rende-ao-sucesso-da-copa-no-brasil>> Acesso em 30 de Novembro de 2017.

BRASIL. **Copa das Copas deixa legado histórico para o País.** Cidadania e Justiça, 11 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2015/06/copa-das-copas-deixa-legado-historico-para-o-pais>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Em artigo, Temer ressalta importância de Olimpíada para o Brasil.** Portal Planalto, 05 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/08/em-artigo-temer-ressalta-importancia-de-olimpiada-para-o-brasil>> Acesso em 16 de Outubro de 2017.

BUARQUE, Daniel. **Com ‘legado desastroso’, Copa continua afetando a imagem do Brasil no mundo.** Uol, 19 de Maio de 2015. Disponível em: <<https://brasilianismo.blogosfera.uol.com.br/2015/05/19/com-legado-desastroso-copa-continua-afetando-a-imagem-do-brasil-no-mundo/>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

CARTA CAPITAL. **Lava Jato mira corrupção nas Olimpíadas do Rio. Entenda o caso.** Carta Capital, 5 de Setembro de 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/lava-jato-mira-corrupcao-nas-olimpiadas-do-rio-entenda-o-caso>> Acesso em 28 e Novembro de 2017.

CARVALHO, Patrícia Nasser; GONÇALVES, Fernanda Cristina Nanci Izidro. **O Brasil como potência regional: uma análise da sua liderança na América do Sul no início do século XXI.** Revista Carta Internacional, Belo Horizonte, v. 11, n.3, p. 222-248, 2016.

CHADE, Jamil. **Por conflitos, Ucrânia prega o boicote da Copa do Mundo na Rússia.** Estado de São Paulo, 16 de Março de 2015. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,por-conflitos-ucrania-prega-o-boicote-da-copa-do-mundo-na-russia,1651892>><<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,por-conflitos-ucrania-prega-o-boicote-da-copa-do-mundo-na-russia,1651892>> Acesso em 14 de Outubro de 2017.

CHELALA, Dr. César. **O legado trágico dos circassianos em Sochi.** Epoch Times, 27 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/legado-tragico-circassianos-sochi/#.Wh_l60qnHIU> Acesso em 25 de Novembro de 2017.

CORNETET, João Marcelo Conte. **As políticas externas de Lula da Silva e de Dilma Rousseff: Uma análise comparativa.** Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

D’AGOSTINO, Rosanne. **O que deu certo e o que deu errado na Copa do Mundo 2014 no Brasil.** G1, São Paulo, 14 de Julho de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e>

viagem/noticia/2014/07/o-que-deu-certo-e-o-que-deu-errado-na-copa-do-mundo-2014-no-brasil.html> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios**. Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 19-63, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 22 Outubro de 2017.

ESPN. **Mídia internacional aponta ‘vazio’, mas elogia encerramento: ‘Carnaval é ótima música’**. Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 2016a. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/624624_midia-internacional-aponta-vazio-mas-elogia-encerramento-carnaval-e-otima-musica> Acesso em 30 de Novembro de 2017.

ESPN. **Infantino visita Rússia e elogia preparação realmente impressionante**. AFP, 19 de abril de 2016b. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/593006_infantino-visita-russia-e-elogia-preparacao-para-copa-realmente-impressionante> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Qatar ganha votação e será sede da Copa de 2022; Rússia fica com o mundial de 2018**. São Paulo, 2 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2010/12/839673-qatar-ganha-votacao-e-sera-sede-da-copa-de-2022-russia-fica-com-mundial-de-2018.shtml>> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ucrânia leva apenas um atleta para abertura da Paraolimpíada de Sochi**. São Paulo, 7 de Março de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/03/1422146-ucrania-leva-apenas-um-atleta-para-abertura-da-paralimpiada-de-sochi.shtml>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Dirigente da Fifa admite que sedes das Copas de 2018 e 2022 podem mudar**. São Paulo, 7 de Junho de 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/06/1638759-russia-e-qatar-podem-perder-direito-de-sediar-copas-de-2018-e-2022.shtml?loggedpaywall>> Acesso em 23 de Novembro de 2017.

FRANÇA, Mirelle de; SILVEIRA, Daniel. **Infraestrutura Rio 2016: Acertos x Erros**. G1, 22 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/2016/olimpiada/>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

FREIRE, Maria Raquel. A evolução da política externa da Rússia. **A política externa russa no espaço euro-atlântico: dinâmicas de cooperação e competição num espaço alargado**. Coimbra, 2014.

G1. **Temer é vaiado durante abertura da Olimpíada no Rio**. São Paulo, 2016a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/temer-e-vaiado-durante-abertura-da-olimpiada-no-rio.html>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

G1. **Imprensa internacional destaca cerimônia de abertura da Olimpíada**. G1, 5 de Agosto de 2016b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/blog/brasil-visto-de-fora-na-olimpiada/post/imprensa->

internacional-destaca-cerimonia-de-abertura-da-olimpiada.html> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

G1. Como a Bolívia se tornou o país que mais cresce na América do Sul. BBC, 29 de Outubro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/como-a-bolivia-se-tornou-o-pais-que-mais-cresce-na-america-do-sul.ghtml>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

GARCIA, Fernanda Ester Sánchez; HERDY, Fabrícia Hauck; SANTOS Rosane Rebeca de Oliveira; GOMES, Talitha Borges Martins; Rio 2016:o Projeto Olímpico e sua economia simbólica. Encontro Nacional da ANPUR, 14.,Rio de Janeiro, 2011.

GALHARDO, Ricardo. **Desempenho em campo influencia, diz historiador.** O Estado de São Paulo, 22 de Janeiro de 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,desempenho-em-campo-influencia-diz-historiador-imp-,1121285>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

GIBSON, Owen. **Sochi closing ceremony: Games end with flourish as protest fears melt away.** The Guardian, 24 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sport/2014/feb/23/sochi-closing-ceremony-putin-games>> Acesso em 28 de Novembro de 2017.

GLOBO.COM. **Putin nega haver esquemas de corrupção nas Olimpíadas na Rússia.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/putin-nega-haver-esquemas-de-corrupcao-nas-olimpiadas-na-russia.html>> Acesso em 28 de Novembro de 2017.

GLOBO ESPORTE. **Fifa cobra Rússia por respeito a todos em 2018 após polémica lei dos gays.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/08/copa-de-2018-fifa-pede-detalhes-russia-sobre-polemica-lei-dos-gays.html>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

GLOBO ESPORTE. **ONG denuncia “abusos e exploração” de trabalhadores da Copa da Rússia.** Moscou, 2017a. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/ong-denuncia-abusos-e-de-exploracao-de-trabalhadores-da-copa-da-russia.ghtml>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

GLOBO ESPORTE. **Escolha da sede da Copa do Mundo de 2016 terá voto aberto.** Zurique, Suíça, 7 de Novembro de 2017b. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/escolha-da-sede-da-copa-do-mundo-de-2026-tera-voto-aberto.ghtml>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

GOLUBCHIKOV, Oleg. **From a sports mega-event to a regional megaproject: the Sochi winter Olympics and the return of geography in state development priorities.** International Journal of Sport Policy and Politics, 31 de Janeiro de 2017.

GREENE, Richard Allen. **Sochi 2014: Winter Olympics by the numbers.** CNN, 14 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2014/01/08/world/europe/russia-sochi-numbers/index.html>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna (2013). Soft power, sports mega-events and emerging states: The lure of the politics of attraction. *Global Society*, 27(4), 521-536.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Russia: Human rights abuses related to 2014 Winter Olympic Games in Sochi**. Disponível em: <<https://business-humanrights.org/en/major-sporting-events/russia-human-rights-abuses-related-to-2014-winter-olympic-games-in-sochi>> Acesso em 18 de Novembro de 2017.

IBGE. **Dados Países (2016)**. Disponível em: <<https://pais.es.ibge.gov.br/#/pt>> Acesso em: 03 de Dezembro de 2017.

ISTO É. **Corte Europeia critica Rússia por lei contra a propaganda gay**. Estrasburgo, 20 de junho de 2017a. Disponível em: <<https://istoe.com.br/corte-europeia-critica-russia-por-lei-contra-propaganda-gay/>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

ISTO É. **Rússia reforça a segurança com medo do terrorismo na Copa do Mundo de 2018**. Estadão Conteúdo, 2017b. Disponível em: <<https://istoe.com.br/russia-reforca-a-seguranca-com-medo-do-terrorismo-na-copa-do-mundo-de-2018/>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

JORNAL EXPRESSO. **Corrida ibérica ao Mundial com ‘adversários’ Inglaterra, Benelux e Ásia**. Esporte, 19 de Janeiro de 2009. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/desporto/corrída-iberica-ao-mundial-com-adversarios-inglaterra-benelux-e-asia=f492771>> Acesso em 03 de Dezembro de 2017.

KARABESHKIN, Leonid; SERGUNIN, Alexander. **Understanding Russia’s Soft Power Strategy**. Vol. 34, pp. 347-363, 2015.

KOBIERECKI, Michal. **RUSSIA AND ITS INTERNATIONAL IMAGE: FROM SOCHI OLYMPIC GAMES TO ANNEXING CRIMEA**. International Studies Interdisciplinary Political and Cultural Journal, Vol. 18, No. 2/2016. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/ipcj.2016.18.issue-2/ipcj-2016-0016/ipcj-2016-0016.pdf>> Acesso em 25 de Novembro de 2017.

LAVINAS, Thiago. **Comitiva da Fifa visita Belo Horizonte**. Globo esporte, Belo Horizonte, 28 de agosto de 2007. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao_Brasileira/0,,MUL94820-4482,00.html> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

LEITE, Almir. **Copa do Mundo da corrupção saqueou arenas construídas pelo Brasil**. O Estado de São Paulo, 15 de Maio de 2017. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo-da-corrupcao-saqueou-arenas-construidas-pelo-brasil,70001781996>> Acesso em 27 de Novembro de 2017.

MEIRELLES, Fernando. **Passion Unity Celebration**. Youtube, 7 de Outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xucJTdUTMzA>> Acesso em 22 de Outubro de 2017.

MERTIN, Evelyn. **“Passaporte para o Futuro” – Os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi 2014**. German Sport University Cologne, 2012.

MULLER, Martin. **After Sochi 2014: costs and impacts of Russia's Olympic Games'** **Eurasian Geography and Economics**, vol 55, no. 6, pp. 628-655. Universidade de Birmingham, 2015.

NATAN, Jorge; SOUZA, Richard. **As sede e os estádios: conheça as 11 cidades que receberão jogos da Copa.** Kazan e Moscou, Rússia, 14 de junho de 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/rumo-a-russia/noticia/as-sedes-e-os-estadios-conheca-as-11-cidades-que-receberao-jogos-da-copa.ghtml>> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

NETTO, Andrei. **Brasil teria pago propina para Rio ser escolhido para sediar Olimpíada de 2016.** Estado de São Paulo, 3 de Março de 2017. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,brasil-teria-pago-propina-para-rio-ser-escolhido-para-sediar-olimpiada-de-2016,70001685438>> Acesso em 28 de Novembro de 2017.

O GLOBO. **Pela Copa de 2014 no Brasil, Lula se reúne com presidente da Fifa na quinta.** O Globo Online e EFE, 25 de setembro de 2006. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/pela-copa-de-2014-no-brasil-lula-se-reune-com-presidente-da-fifa-na-quinta-4559161>> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **A Copa é do Mundo? Não! Mas os problemas são.** 28 de Fevereiro de 2012 Disponível em: <http://web.observatoriodasmetrolopes.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=173%3Aa-copa-%C3%A9-do-mundo%3F-n%C3%A3o-os-problemas-s%C3%A3o&Itemid=165&lang=pt#> Acesso em 23 de Novembro de 2017.

OLIVER, Iata. **Megaeventos esportivos e relações internacionais como estratégia de atração turística.** Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica Vol. VII, nº1, Rio de Janeiro, ABR. 2012

OLIVEIRA, Lucas Santos. **Esporte e Relações Internacionais: Megaeventos Esportivos e Poder Brando.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

ORENSTEIN, Mitchell A. **Geopolitics of a Divided Europe.** Northeastern University, 2014.

PASSARINHO, Sandra. **Copa do Mundo terá maior esquema de segurança já montado no Brasil.** Jornal da Globo, Rio de Janeiro, 11 de junho de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/06/copa-do-mundo-tera-maior-esquema-de-seguranca-ja-montado-no-brasil.html>> Acesso em 25 de Novembro de 2017.

PAUTASSO, Diego. **A Rússia volta ao tabuleiro.** Disponível em: <<http://www.resistencia.cc/a-russia-volta-ao-tabuleiro/>> Acesso em: 12 de Julho

PETERSON, Bo; VAMLING Karina, (eds.) 2013: *The Sochi Predictaments: Contexts, Characteristics and Challenges of the Olympic Winter Games in 2014.* Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.

PORTAL BRASIL. **Turismo na América do Sul cresce 6% no primeiro semestre.** Governo do Brasil, 18 de Setembro de 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2014/09/turismo-na-america-do-sul-crece-6-no-primeiro-semestre>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

PORTA DA TRANSPARÊNCIA DA CONTROLADORIA- GERAL DA (CGU). Disponível em:
<<http://transparencia.gov.br/copa2014/empreendimentos/investimentos.seam?menu=2&assunto=tema>> Acesso em 22 de Novembro de 2017

PORTELA, Vanessa Queiroz. **O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE SOFT POWER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**. Boa vista, RR. 2014.

PRESSE, France. **Rússia aprova lei que pune propaganda gay e ofensa contra religiosos**. Folha de São Paulo, 11 de Junho de 2013. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1293230-russia-aprova-lei-que-pune-propaganda-gay-e-ofensa-contra-religiosos.shtml>>

PUFF, Jefferson . **Zika e Olimpíada: Duas visões científicas sobre riscos a atletas e turistas**. BBC, Rio de Janeiro, 10 de Junho de 2016. Disponível em:
<<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36504916>> Acesso em 25 de Novembro de 2017.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MACHADO Lauren. **A Rússia e o exterior próximo: potencialidades e entraves para um projeto de grande potência**. BJIR, Marília, v. 4, n. 3, p. 582-607, set/dez. 2015

R7. **Fifa visita os candidatos às Copas de 2018 e 2022**. Publicado 17 de Julho de 2010. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/noticias/fifa-inicia-visitas-aos-candidatos-as-copas-de-2018-e-2022-20100717.html>> Acesso em 3 de dezembro de 2017.

ROLLI, Claudia; FRAGA, Érica. **Copa do Mundo traz benefícios para a economia brasileira**. São Paulo, 14 de Julho de 2014. Disponível em:
<<http://www.unicap.br/tecnologicos/turismo/?p=590>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

ROMILDO, José. **Imprensa norte-americana destaca sucesso dos Jogos Olímpicos no Brasil**. Agência Brasil, 22 de Agosto de 2016. Disponível em:
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-08/imprensa-norte-americana-destaca-sucesso-dos-jogos-olimpicos-no-brasil>> Acesso em 22 de Novembro de 2017.

SPEKTOR, Matias. Ideias de ativismo regional: a transformação das leituras brasileiras da região. **Revista brasileira política internacional**, Brasília , v. 53, n. 1, p. 25-44, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292010000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 5 de Novembro de 2017.

SPUTNIK NEWS. **Russia ready to spend \$10 billion on World Cup 2018 preparations**. Disponível em: <<https://sputniknews.com/sport/20090407120953826/>> Acesso em 24 de Novembro de 2017.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **SIPRI Military Expenditure Database (2016)**. Disponível em: < <https://sipri.org/databases>> Acesso em 25 de Novembro de 2017.

UOL. **Rio-2016 fica R\$ 400 milhões mais cara, e custo passa dos R\$ 39 bilhões**. Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 2016. Disponível em:
<<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2016/01/29/revisao-de-orcamento-rio-2016.htm>> Acesso em 29 de Novembro de 2017.

VALENCA, Marcelo M.; CARVALHO, Gustavo. **Soft Power, Hard Aspirations: the Shifting Role of Power in Brazilian Foreign Policy**. Bras. Political Sci. Rev., São Paulo , v. 8, n. 3, p. 66-94, Dec. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-38212014000300066&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 20 de Julho

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, poder e Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. *Government and Opposition*, v. 37, n. 1, p.106-134, 2002.

VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. **Contexto int.**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 2, p. 273-335, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Novembro de 2017.

VIGEVANI, Tullo; OLIVEIRA, Marcelo F. de; CINTRA, Rodrigo. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 31-61, Nov. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Novembro de 2017.

WIKIPEDIA. COPA DO MUNDO FIFA DE 2018. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Copa_do_Mundo_FIFA_de_2018&oldid=50541329>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?. **Revista brasileira de política internacional**, Brasília , v. 46, n. 1, p. 153-181, Junho de 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de Novembro de 2017.

ZURCHER, Anthony. **Sochi Olympic success: Russia and the West have differing views**. BBC, 8 de Fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/blogs-echochambers-26092729>> Acesso em 30 de Novembro de 2017.